

NÚBIA NOGUEIRA CASSIANO

**O SER CAPOEIRISTA E AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: UMA ANÁLISE
À LUZ DA CORPOREIDADE**

**UBERABA
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Núbia Nogueira Cassiano

**O SER CAPOEIRISTA E AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: UMA ANÁLISE
À LUZ DA CORPOREIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
graduação em Educação Física, área de
concentração “ESPORTE E EXERCÍCIO”,
Linha de Pesquisa: FORMAÇÃO E AÇÃO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E
ESPORTES, da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro, como requisito parcial para
obtenção do título de mestre.

Orientador Doutor Wagner Wey Moreira.

UBERABA
2014

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C338s Cassiano, Núbia Nogueira
O ser capoeirista e as possibilidades educativas: uma análise à luz da corporeidade / Núbia Nogueira Cassiano. -- 2014.
90 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2014.
Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

1. Capoeira. 2. Educação física. 3. Educação. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 796

Núbia Nogueira Cassiano

**O SER CAPOEIRISTA E AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS: UMA ANÁLISE
À LUZ DA CORPOREIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
graduação em Educação Física, área de
concentração “ESPORTE E EXERCÍCIO”,
Linha de Pesquisa: FORMAÇÃO E AÇÃO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E
ESPORTES, da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro, como requisito parcial para
obtenção do título de mestre.

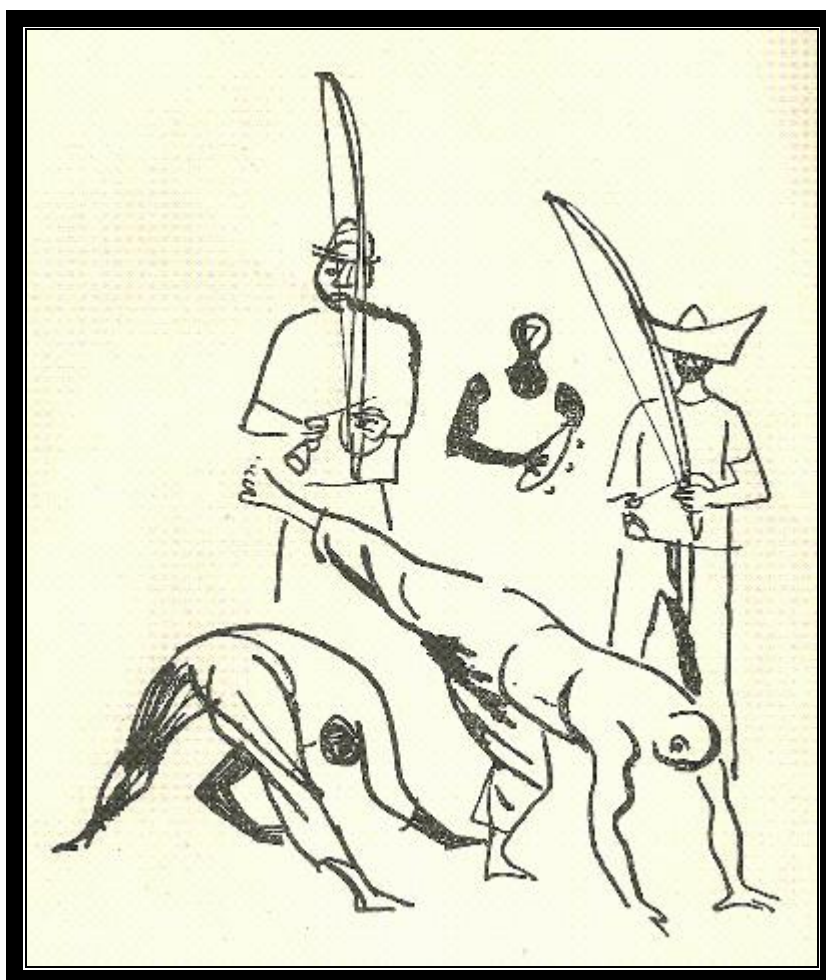
21 de fevereiro de 2014.

Banca Examinadora:

Dr. Wagner Wey Moreira – orientador
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Dr. Luiz Antonio Silva Campos
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Dr. Luiz Gonçalves Junior
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR



Dedico, com muito axé, a todos os Seres Capoeiristas – *Homo Gingus*, dominantes da arte do improviso, hábeis em andar na corda bamba da vida, ávidos, ousados, ambíguos, audaciosos, perspicazes, maliciosos e mandingueiros. Camaradas!

AGRADECIMENTOS

*Capoeira ai ai meu Deus
Jamais imaginei
Jamais ai ai pensei
Com toda humildade
Tendo a sua simplicidade
Ocultar tanta beleza
Riqueza e sabedoria ai ai ai
Vivo assim tão fascinado
Eu sentia necessidade
Obrigação ai meu Deus
Continuar dos meus antepassados
Deixaram para que
Possamos desfrutar
A batida do tambor é o bater do coração
E o berimbau ai, é a minha musa ai meu Deus
E então eu canto com devoção...
Iê Viva meu Deus.../Iê viva meu Mestre.../Iê quem me ensinou
(Mestre Deraldo, a quem ouvi muito nos primeiros treinos)*

A todos os ancestrais da capoeiragem por terem nos deixado como legado a arte de lutar sorrindo, de jogar dançando, de viver lutando e vadiando na Capoeira.

À minha família:

Minha mãe pelo amor incondicional, pelo constante incentivo e pela liberdade que sempre me propiciou na infância e adolescência.

Meu pai, que, apesar da pequena convivência, deixou-me como herança o espírito aventureiro, o gosto pela natureza e pelo desenho.

Meu amado esposo, meu Café, pelo companheirismo e apoio em todos os momentos de aflição que essa jornada ocasiona.

Meu querido filho Íkaro, o Caputino, por compreender os momentos de ausência como mãe e de nervosismo pela ansiedade, mediando os conflitos com maturidade singular.

Meus irmãos Vandré e Vinícius, parceiros de todas as horas.

Meus avós e tios por terem participado, de certa forma, como referência na minha formação e em especial minha tia Talita Nogueira pelas correções ortográficas.

Ao Centro Cultural de Capoeira Águia Branca, berço de minha formação, na pessoa de Mestre Café, no qual me espelho e me inspiro e a todos meus irmãos de roda em especial

aos participantes da pesquisa, cuja prontidão foi imprescindível na realização deste trabalho.

Aos *Luizes*:

Professor Doutor Luiz Antonio Silva Campos, o famoso “Monó”, a quem sou profundamente grata pelo primeiro voto de confiança no ingresso deste programa. Desejo prestar-lhe uma singela homenagem postando esta citação, de sua autoria, que fez parte do meu projeto inicial:

A educação é um processo dinâmico que muda de tempos em tempos em função da evolução social e cultural do homem. Porém, esse processo de ensino em constantes mudanças, tem alguns princípios básicos que seguem a mesma ordem do início da sua organização e de sua sistematização, não ocorrendo mudanças, como por exemplo, há um aprendiz, há um professor e há um conhecimento a ser aprendido (CAMPOS, 2011, p. 29).

Professor Doutor Luiz Renato Vieira, Mestre Luiz Renato, uma das primeiras referências utilizadas em meus trabalhos sobre Capoeira, o qual tive a honra de receber na banca de qualificação com contribuições imensuráveis ao aprimoramento deste estudo.

Professor Doutor Luiz Gonçalves Junior pela gentileza e solicitude em atender nosso pedido para participar da banca da defesa e pela revisão minuciosa que possibilitou os ajustes necessários para tornar o trabalho ainda mais completo.

Ao estimado Professor Doutor Wagner Wey Moreira, por me “adotar” e dirigir excepcionalmente com uma “orientação libertadora”, conduzindo-me humanamente pelo caminho científico, apontando as possibilidades, problematizando e advertindo quanto às incertezas, porém sempre respeitando minhas crenças, meus ideais incorporados que hoje percebo, ampliam-se também para o âmbito da corporeidade.

Síntese do Ser diverso...

*Sinto-me perdido no vento
Alheio ao meu tempo
Sem espaço e sem lugar*

*Não sei onde estou
Pra onde é que vou
Nem onde quero chegar* *Tampouco sei quem sou
O que foi que me originou
Ou o que ei de me tornar*

*Produto da diversidade
Não estou nem lá, nem cá
Roubaram minha identidade
E eu não sei no que vai dar*

*Na pobreza ou na nobreza
Tenho que me virar
Se estou aqui ou ali
Preparar o linguajar*

*Essa é minha existência
E sigo com persistência
Nada há de me abalar*

*E como tudo tem fim
O que sei é que também pra mim
Um dia a morte há de chegar.....*

RESUMO

Em Educação Física estuda-se o ser humano, um ser complexo, indivisível, cultural e relacional que se movimenta intencionalmente em direção ao mundo. A principal função da área é pedagógica, pois, independente do ambiente de atuação o ato educativo sempre estará presente. Por estas razões a corporeidade se mostra uma premissa relevante para nortear a formação e a atuação dos profissionais da área. Este estudo originou-se da assimilação destes pressupostos à experiência capoeirística vivenciada pela autora. O problema que causou a inquietação para a realização da pesquisa foi o de refletir sobre as possibilidades educativas que permeiam o universo capoeirístico com o objetivo de analisar quais as convergências entre os princípios e valores encontrados na vivência capoeirística com aqueles defendidos na produção acadêmica sobre corporeidade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, tendo como universo o Centro Cultural de Capoeira Águia Branca em Uberaba – MG. Participaram do estudo vinte sujeitos e os critérios adotados para inclusão foram: ter idade mínima de dezoito anos, praticar ou ter praticado Capoeira por no mínimo dois anos e aderir ao Termo de Consentimento livre e Esclarecido. O instrumento utilizado foi uma entrevista estruturada com três perguntas geradoras: “O que é a Capoeira para você?”, “O que é corpo para você?” e “Como você vivencia seu corpo na Capoeira?”. Para interpretação dos dados foi utilizada a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado proposta por Moreira, Simões e Porto (2005). Os resultados demonstraram que, para os sujeitos questionados, a Capoeira é permeada de valores que são relevantes em diversos aspectos de suas vidas, sendo que os mais citados foram os relacionados à formação. A concepção de corpo explicitada pelos sujeitos é estreitamente ligada aos pressupostos vinculados à corporeidade e assim como na vida, o corpo é fator essencial na prática da Capoeira; ele age, expressa, supera, liberta e transcende. Nas considerações finais enfatiza-se a necessidade de uma mudança de paradigma para a área da Educação Física aderindo a uma formação mais humana e humanizante. Como prognóstico a essa identificação sugere-se a aproximação entre a universidade e o conhecimento popular, para que o mundo ideal estudado pelos discentes esteja mais relacionado ao mundo vivido das pessoas que usufruirão de sua intervenção e para que os valores e sabores da cultura popular possam fazer parte do meio acadêmico.

Palavras chave: Capoeira. Educação Física. Educação.

RESUMEN

Educación Física / Deporte se estudia al ser humano, un ser complejo, indivisible, cultural y relacional que intencionadamente se mueve en el mundo . La función principal de la zona es educativo porque, independientemente del entorno educativo del acto rendimiento siempre estará presente . Por estas razones la realización mostrada una premisa importante para guiar la formación y las actividades de los profesionales. En este estudio se originó a partir de la asimilación de dichas hipótesis a la experiencia capoeira vivido por el autor. El problema que causó el descontento de la investigación fue reflexionar sobre las posibilidades educativas que impregnan el universo capoeirístico objetivo observar que convergencias entre los principios que se encuentran en la experiencia de la capoeira y las defendidas en la producción académica sobre la corporalidad . Con este fin, un estudio de campo se llevó a cabo con un enfoque cualitativo con el universo White Eagle Centro Cultural de Capoeira en Uberaba - MG . Veinte sujetos participaron en el estudio y adoptadas por los criterios de inclusión fueron: edad de dieciocho años, para ejercer o haber ejercido la Capoeira durante al menos dos años y participar en el consentimiento libre e informado . El instrumento utilizado fue una entrevista estructurada con tres preguntas generadoras : "¿Cuál es la Capoeira para usted ? ", " ¿Cuál es el cuerpo para ti ? " Y "¿Cómo se siente su cuerpo en Capoeira ?" . Para interpretar los datos de la evolución técnica y el análisis de las unidades de sentido propuesto por Moreira, Simões y Porto (2005) se utilizó . Los resultados mostraron que , con sujeción a los encuestados , Capoeira está impregnada de los valores que son importantes en muchos aspectos de sus vidas, y el más citados estaban relacionados con la formación. El diseño del cuerpo se explica por los temas estrechamente vinculada a los supuestos relacionados con la corporeidad y, como en la vida, el cuerpo es un factor esencial en la práctica de la capoeira , actúa , se expresa vence , trasciende y se libera . Las consideraciones finales enfatizan la necesidad de un cambio de paradigma para el campo de la Educación Física / Deporte adherirse a una educación más humana y humanizadora . Pronóstico , ya que la identificación se sugiere un mayor acercamiento entre la universidad y el conocimiento popular. Para el mundo ideal estudiado por los estudiantes está más relacionado con el mundo vivido de las personas que se beneficiarán de su participación y de los valores y sabores de la cultura de ser parte de la academia.

Palabras clave: Capoeira. Educación Física. Educación.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 AGACHANDO AO PÉ DO BERIMBAU	11
1.2 ENTRANDO NA RODA	15
1.2.1 Objetivo	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 CORPOREIDADE, EDUCAÇÃO E CAPOEIRA	19
2.1.1 O Corpo na História e na Capoeira	19
2.1.2 O ABC da Capoeira: Destaque às Possibilidades Educativas	32
3 MÉTODO - VEM JOGAR MAIS EU MANO MEU	46
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	46
3.1.1 Universo	46
3.1.2 Sujeitos e Critérios de Inclusão	47
3.1.3 Procedimentos	47
3.1.4 Tratamento dos Dados	48
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO - TIRA DAQUI E BOTA ALI IDALINA	49
4.1 PRIMEIRA PERGUNTA: O QUE É A CAPOEIRA PARA VOCÊ?.....	49
4.2 SEGUNDA PERGUNTA: O QUE É CORPO PARA VOCÊ?	61
4.3 TERCEIRA PERGUNTA: COMO VOCÊ VIVENCIA SEU CORPO NA CAPOEIRA	70
4.4 A CAPOEIRA, O CORPO E O CORPO NA CAPOEIRA.....	80
5 CONCLUSÃO - ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM	82
REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

1.1 Agachando ao Pé do berimbau: Autoanálise a partir da Teoria de Bourdieu

*Iêêêêêêêêêêêê
Oi abre a roda dá licença
Abre a roda dá licença aiaiaia
Eu vou me apresentar...*

Sou, antes de tudo, capoeirista, é assim que me apresento, é assim que desejo que me percebam, porque foi com ela, a Capoeira, que me constituí como sou hoje.

Como a maioria dos brasileiros, nasci em uma família bastante miscigenada. Até onde sei, possuo descendência indígena, portuguesa e africana, porém, conforme as gerações foram surgindo e misturando-se ainda mais, essas raízes ficaram cada vez mais distantes. Desde a infância, tive uma formação tumultuada, as bases familiares apresentavam diferenças extremas em todos os sentidos: sociais, econômicos, culturais, étnicos e religiosos.

Esse misto de referências dificultou uma identificação pessoal. Considerando a teoria de Bourdieu (1970, 2004, 2007) em que o indivíduo recebe prioritária e majoritariamente da família o “capital cultural” que define a formação de seu *habitus* e determina o resultado de sua atuação no “campo”, abrangendo vários âmbitos entre eles o educacional, o social, o econômico, o político e o religioso, as referências familiares são de suma importância na formação do sujeito. Essa estrutura familiar da qual me originei fez de mim uma adolescente diferente. Com concepções diversas e incertas sobre mim mesma me sentia perdida, alheia às outras pessoas e situações.

Bourdieu (2007, p.75) enfatiza a importância do “Mundo de origem” na assimilação da constituição pessoal ao esclarecer que:

Qualquer herança material é, propriamente falando, e simultaneamente, uma herança cultural; além disso, os *bens de família* têm como função, não só certificar fisicamente a antiguidade e a continuidade da linhagem e, por conseguinte, consagrar a identidade social, indissociável da permanência no tempo, mas também contribuir praticamente para sua reprodução moral, ou seja, para a transmissão de valores, virtudes e competências.

Pierre Bourdieu (1930 – 2002) foi um sociólogo francês de origem simples, cuja experiência existencial, apesar de dolorosa, foi rica e diversificada, o que possibilitou a percepção do funcionamento da dinâmica social. Observando os conflitos entre classes ele percebeu que, além das desigualdades financeiras explicitamente expostas, existe

também o “poder simbólico” que a classe dominante utiliza para conservar sua dominação. Através de simbologias, códigos próprios, linguagem e até gostos, a nobreza se mantém distinta e requintada (BOURDIEU, 1970). Aqueles que não fazem parte dessa classe não compreendem esses códigos, sendo, portanto, discriminados. Essa discriminação pode passar despercebida uma vez que os dominados também identificam a simbologia nobre como legítima e possuem no interior de seu *ethos*, seus próprios signos, particularidades e gostos que facilitam a interação neste ambiente.

Em declaração sobre a própria obra, Bourdieu (2004, p.149) esclarece:

Se eu tivesse que caracterizar meu trabalho em duas palavras [...] eu falaria de *constructivist structuralism* ou de *structuralist constructivism* [...]. Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existe no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito, etc – estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, aos quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, estruturas sociais, em particular do que chamo de campos ou grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais.

Ao me apoderar desses conceitos pude entender com mais facilidade minha própria experiência existencial. Por não pertencer oriundamente a nenhum desses campos específicos de maneira isolada e, ao mesmo tempo participar de todos, não me identifico com nenhum deles, não domino os códigos, ora não compreendo as linguagens, gestos ou gostos, ora eles não me agradam. Em algumas situações sinto-me constrangida, em outras à vontade, mas sem ânimo, empolgação, nunca me completo em circunstância ou local algum, exceto na Capoeira.

Aos treze anos de idade, sentia-me assim, sem espaço, não me encaixava em nenhuma atividade, não tinha amigos e os colegas não eram boas companhias. Foi quando comecei a frequentar a Capoeira e meu mundo mudou. Tive acesso a um ambiente fraternal, com pessoas extremamente solidárias e prestativas, um ambiente inclusivo em que todos têm o seu espaço e aprendem a se gostar assim como são, um ambiente de superação, não de outra pessoa, mas de si mesmo, de suas dificuldades físicas, psicológicas e sociais. Seis meses depois conheci, a caminho da academia, a pessoa que se tornou meu companheiro e mestre. Passei então a seguir seus passos, nos treinos, nos eventos, na administração das atividades e realização de festividades. A essa vivência capoeirística dediquei toda minha adolescência, dia após dia, superando limites, conhecendo pessoas, viajando e sempre conciliando tudo isso ao estudo.

Bourdieu (2007) explica que nas classes privilegiadas a titulação acadêmica acontece naturalmente, como consequência, sem maiores esforços. Nas classes desprivilegiadas ou populares, a educação superior é vista como algo inatingível, uma vez que seja importante satisfazer prioritariamente as necessidades imediatas e o labor passa a tomar todo o tempo logo que se finda a infância. Na classe média, o ensino é tido como uma possibilidade idônea de ascensão a uma vida melhor, portanto há um incentivo contínuo para que as crianças estudem e não são medidos esforços para que isso seja possível.

Confesso que inicialmente, talvez, também tenha sido esse o principal motivo de minha atração pelo estudo. Não por sofrer pressão ou imposição neste sentido, mas por dedução e iniciativa própria. Meus pais, aliás, toda minha família não é de posses. Tínhamos uma vida simples e, às vezes, até com dificuldades. Porém eu percebia que alguns de meus tios conseguiram superar essas dificuldades estudando e a cada nível que passavam elevavam também suas condições econômicas, enquanto que aqueles que apenas trabalhavam mal conseguiam se sustentar. Além dos bens materiais, casa bonita e confortável, carro, aqueles que estudaram, adquiriram também certa “distinção” no modo de falar, agir, vestir, decorar seus espaços, apreciar artes e músicas. Impressionei-me ao perceber que até isso é compreensível à luz das ideias de Bourdieu (2007, p. 162 e 163) quando explica a respeito do *habitus*:

[...]o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mondo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*....A relação estabelecida, de fato, entre as características pertinentes da condição econômica e social - o volume e estrutura do capital, cuja apreensão é sincrônica e diacrônica - e os traços distintivos associados a posição correspondente no espaço dos estilos de vida não se torna uma relação inteligível a não ser pela construção do *habitus* como fórmula geradora que permite justificar, ao mesmo tempo, práticas e produtos classificáveis, assim como julgamentos, por sua vez, classificados que constituem estas práticas e estas obras em sistema de *sinais distintivos*....o *habitus*, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente as condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto das práticas de um agente seja sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos ou mutuamente convertíveis - e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida.

Infelizmente, ou felizmente, tenho consciência de que assim como na constituição do *habitus*, essa transposição progressiva do mesmo, também será uma complicação para mim. Não conseguiria afastar-me por completo das raízes simplórias, do calor humano

presente nas atitudes espontâneas e intensas das pessoas mais simples. Mas a verdade é que sempre admirei meus tios por essa mudança no *habitus* e essa admiração me inspirou a nunca abandonar os estudos.

Quando chegou a hora de optar por um curso superior, os motivos pelos quais permaneci estudando eram bem diferentes daqueles iniciais que me atraíram para o estudo. Não almejava mais apenas ascensão econômica, tinha sede de conhecimento, transcendência, compreensão sobre o mundo e a humanidade. Também buscava algo que pudesse ser relacionado à Capoeira, até então para mim uma prática extremamente envolvente e permeada por mistérios que aguçavam minha curiosidade. Escolhi a Educação Física por ser o curso que mais atendia às minhas expectativas em relação ao conhecimento do corpo humano, tanto anatômica, fisiológica e psicologicamente, quanto aos aspectos relacionados às sensações, emoções e impressões geradas pelas relações sociais e experiências culturais. Não tive dificuldades em assimilar os conteúdos disciplinares. No entanto, o ambiente acadêmico, em alguns casos, parecia-me constrangedor, no que também me identifico com a trajetória de Bourdieu, em que Valle (2007, p. 121) comenta:

Ainda que tenha conseguido galgar os mais altos degraus da hierarquia escolar e científica, Bourdieu nunca se mostrou à vontade no interior da intelectualidade francesa e confessou com frequência ter tido muitas dificuldades para se desembaraçar de seu ‘sentimento de ilegitimidade’. Seu pensamento e a maneira de se expressar passavam permanentemente por um esforço de autocontrole, uma luta contra si mesmo e contra seu meio de procedência, explicitando uma enorme distância entre o mundo de origem e o mundo intelectual, que valoriza o dom da fala, o espírito ágil e as tiradas fáceis.

A diferença é que consegui e consigo administrar essas situações constrangedoras com muito mais tranquilidade e atribuo isso à vivência capoeirística. A capoeira ensinou-me “escorregar sem cair”, a balançar conforme o ritmo, improvisando, criando, arriscando e ousando. Deu-me segurança para enfrentar as circunstâncias sem intimidar-me pelo medo de errar ou pela vergonha de demorar um pouco mais a compreender as coisas e também me fazer entender.

Movida por essa paixão, desde que ingressei no meio acadêmico tenho desenvolvido, sempre que possível, os trabalhos exigidos, abordando o tema Capoeira, aproveitando a oportunidade para estudar e produzir sobre o assunto. Percebia, na época, a carência de docentes que tivessem mais do que uma mera noção do que vem a ser a Capoeira. Não compreendia o processo de docência universitária, por isso achava um absurdo alguém que nunca vivenciou a Capoeira fazer o papel de um mestre. Senti a

vontade de propiciar a todos os acadêmicos aquilo que havia vivenciado. Tomei para mim a responsabilidade de corroborar para amenizar esse quadro, aproximando ou sendo uma ponte entre as fronteiras que separam o conhecimento científico, técnico, objetivo e por isso frio, do popular, espontâneo, subjetivo, carregado de sentimento e emoção.

É essa a utopia que me faz mergulhar no mar acadêmico: consolidar cientificamente experiências vivenciadas fora dos muros científicos, explicando-as conforme os pressupostos epistemológicos, sem, contudo, teorizá-las ao ponto de se distanciarem da sua realidade existencial.

Se o objetivo da ciência é constituir conhecimentos que possam auxiliar na resolução de problemas que emergem na experiência vivida pelas pessoas, não há melhor maneira de buscar esse conhecimento que observando, investigando e analisando profundamente essas experiências em toda sua complexidade.

Esse ímpeto em entender o ser humano por completo vem desde a graduação com a realização do trabalho de conclusão de curso **A Arte de Crescer Gingando: Os Benefícios que a Capoeira pode trazer no Desenvolvimento Global**, em que foi analisada a influência da prática da Capoeira por crianças de cinco a onze anos, abarcando os aspectos físicos, motores, psicológicos, cognitivos, afetivos e sociais.

Na época nem imaginava que o pretendido era estudar, nada mais nada menos, que a corporeidade do ser capoeirista. Isso só foi compreendido no mestrado ao cursar uma disciplina sobre corporeidade, em que o encantamento com o tema foi ainda maior ao perceber sua estreita ligação com a capoeira, ou melhor, as amplas possibilidades de interpretar e dialogar sobre a corporeidade através da capoeira. A partir de então, conhecer melhor o ser capoeirista, esse corpo ativo, interativo e dinâmico, tornou-se uma inquietação, assim como a hipótese de associar tudo isso à Educação Física.

1.2 Entrando na Roda

Analisando os pressupostos teóricos sobre a corporeidade na Educação Física percebe-se que, considerar a intencionalidade humana na prática esportiva implica em observar atentamente aquele que desenvolve a ação, o que o motiva nessa prática, quais os fatores que influenciam seu desenvolvimento e como valorizar a atitude consciente e criativa menosprezando a ação mecânica e a retórica corporal.

Moreira (2012, p. 135) adverte que a Educação Física sempre associou a Corporeidade ao corpo físico, mas é necessário vinculá-la também às questões de ordem

social, política, religiosa e econômica. “O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível através de sua integração na estrutura social.”

A experiência adquirida na Capoeira sempre foi neste sentido, mesmo sendo ela um elemento da cultura popular sem nenhuma origem acadêmica. Por isso o problema que causou a inquietação pra a realização do estudo foi refletir sobre as possibilidades educativas que permeiam o universo capoeirístico com o objetivo de analisar quais as convergências entre os princípios e valores encontrados na vivência capoeirística com aqueles defendidos na produção acadêmica sobre corporeidade, analisando o discurso de capoeiristas sob essa perspectiva.

Na introdução, como preliminar, para melhor compreensão dos leitores sobre a motivação na realização da pesquisa, o texto traz um esboço da experiência vivencial da presente autora, contextualizada com a obra de Pierre Bourdieu que, apesar de não estar inclusa na base teórica deste estudo, fundamenta bem essa parte inicial que relata a vivência. Em seguida está este tópico *Entrando na Roda* que procura explicitar resumidamente cada item do trabalho.

A próxima seção é um esboço inicial sobre os assuntos tratados na pesquisa. Relaciona Corporeidade, Capoeira, Educação e Educação Física, versando aspectos gerais. Não é pretensão neste trabalho realizar levantamentos históricos ou discutir detalhadamente cada tema, mas sim observar as ligações que podem ser feitas entre eles. Veremos que pensar o aspecto educacional na perspectiva da corporeidade leva à compreensão de que “Falar de uma educação do corpo, é falar de uma aprendizagem humana, é aprender de maneira humana (por isto existencial) a ser homem, a existir como ser humano”. (MOREIRA, 2012, p. 135).

Essa educação, a educação para existência, que auxilia a concepção do ser enquanto sujeito no mundo e que dá sentido aos acontecimentos e as ações humanas deve estar presente na formação profissional dos futuros atuantes em Educação Física para que esses possam também direcionar sua atuação nessa perspectiva, seja ela em âmbito escolar ou não escolar, uma vez que:

A principal função da Ciência do Esporte no mundo do trabalho, e para tanto forma profissionais para isso, é pesquisar o ser humano que conhece e pratica o exercício físico sistematizado de forma intencional, com regularidade e com controle, preocupando-se com ensinar isto, daí sua característica pedagógica. Quer estando o graduado nessa área atuando na educação, quer esteja atuando na saúde, ou mesmo quer atue em modalidades esportivas, esse fenômeno complexo e de largo desenvolvimento no último século, a função do profissional de Ciência do Esporte é pedagógica. (MOREIRA, 2012, p. 131).

A base epistemológica utilizada nos pressupostos sobre a corporeidade é a fenomenologia, em que há o estudo das essências, buscando a compreensão por meio da *facticidade* e estabelecendo um relato do espaço e tempo do mundo vividos. (MERLEAU-PONTY, 1999).

A fenomenologia “[...] é tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é” e tem como princípio que:

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.3).

Em relação à Capoeira, Tavares (2006, p.63) lembra que a mesma “[...] não pode ser encarada como simples prática esportiva e, ou simples complemento da educação formal, meramente técnica, acabada, dissociada de sua trajetória histórica e suas raízes.”

A concepção simplista que relaciona a Capoeira apenas à estética do jogo, não se dá pela escassez de estudos abordando o tema, como bem postula Falcão (2004, p.2):

Se, no final do século XIX, a capoeira “manchava” os pergaminhos das repartições públicas brasileiras, através das penas dos escrivães de polícia e povoava, em letras garrafais, os romances de costumes dos cronistas e memorialistas, hoje, ela é escrita, em letra de forma, *times new roman*, *courier new*, *arial* etc., por historiadores, antropólogos, sociólogos e educadores de várias partes do mundo, ávidos em compreender e explicar as suas mandingas. Acrescentam-se a esse rol, os próprios capoeiras pesquisadores, como é o nosso caso, que, através de vivências em abrangência e profundidade, oferecem uma visão de dentro (endógena) que tem contribuído para elucidar aspectos ainda pouco explorados pelos que a olham de fora, atravessado, ou de lado.

O que ocorre é que além da produção acadêmica ainda se manter distante de ser desfrutada pela sociedade, a maioria dos estudos sobre a Capoeira até então se encontra mais vinculada aos aspectos históricos e coletivos que aos educativos, subjetivos e individuais, como explana Radicchi (2013, p.18):

Nas escolas, a valorização do trabalho pedagógico com a capoeira partindo do seu contexto social e histórico originário é bastante presente. No entanto, um entendimento sobre o significado da capoeira para o sujeito, determinante de sua participação nas aulas de capoeira parece não ter ainda sido formulado em estudos científicos.

Em seu estudo Radicchi (2013) analisa os potenciais educativos presentes na Capoeira apoiado nos conceitos da fenomenologia existencial. Porém, o faz estritamente em âmbito escolar e direcionado exclusivamente para a atuação na escola. Como já mencionado, a ação do profissional em Educação Física não se limita a esse campo, no entanto, a atitude pedagógica pode e deve estar presente onde quer que este atue.

Considerando isso, parece relevante estudar a Capoeira como uma possibilidade educativa para a práxis profissional em Educação Física. Não a impondo como um modelo ideal e único para esse fim, mas destacando em sua existência, as afinidades com esse sentido de educação, presente substancialmente na perspectiva da corporeidade.

1.2.1 Objetivo

A parte prática do presente estudo explanada na seção três: *Vem jogar mais eu mano meu*, procura desvelar o fenômeno capoeira, invisível a quem ainda não o vivenciou. Isso implica em estudá-lo onde ele se dá com mais intensidade e naturalidade, por isso optei por analisá-lo justamente no local em que se deu a minha formação capoeirística, através dos discursos dos *seres capoeiristas* do Centro Cultural de Capoeira Águia Branca (CCCAB). As entrevistas tiveram o intuito de descobrir o que é a Capoeira para esse ser, como ele se concebe corporalmente e existencialmente, como interage com o mundo, como vivencia seu corpo na Capoeira.

A análise dos resultados é realizada em diálogo com os referenciais teóricos da corporeidade com ancoragem na fenomenologia. Observando nos discursos quais as convergências e divergências com esses pressupostos, apontando as possibilidades educativas, destacando o que pode ser considerada uma aprendizagem que se transforma em atitude por meio da vivência capoeirística e refletindo sobre a contradição aparente em discursos que ainda veem o corpo dicotomicamente, como instrumento ou objeto.

A Capoeira está presente no cenário histórico, social e cultural brasileiro há séculos, transformando homens e mulheres, incorporando saberes, disseminando valores e, no entanto, na maioria das vezes, ainda é vista pela sociedade “apenas como uma atividade em que se joga as pernas para o ar”, como comenta frequentemente em suas aulas, indignado, Mestre Café¹ que logo complementa: “Capoeira é muito mais que isso, Capoeira é algo que prepara para a vida, há de se olhar além dos belos movimentos executados”.

Clara é a relevância em produzir estudos que busquem analisar as conjecturas da formação e atuação profissional em Educação Física relacionando-as à educação para a existência e estudando elementos, como a Capoeira no caso deste estudo, que tragam no seu bojo possibilidades de efetivar essas premissas. Foi o que me instigou a conduzir a pesquisa para esse lado e é o que fica explícito como mensagem final do trabalho.

¹ Mestre Café – Ubiracy Galvão Borges – militante pela Capoeira, mentor e idealizador de muitos projetos de fomento à arte e formação cidadã, fundador do Centro Cultural de Capoeira Águia Branca.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CORPOREIDADE, CAPOEIRA E EDUCAÇÃO

2.1.2 De Platão a Moreira Discutindo Corporeidade e Capoeira

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo [...] retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção. [...] Não é apenas a noção do corpo que, através da noção do presente, é necessariamente ligada à noção do para si, mas a existência efetiva de meu corpo é indispensável à existência de minha consciência.

Merleau-Ponty

É evidente que não há como falar sobre corporeidade sem trazer à tona as reflexões de Merleau- Ponty e de outros grandes pensadores que se debruçaram sobre o tema. Não deixo mesmo de referenciá-los, mas preferi fazê-lo em linguagem mais próxima à nossa realidade e atualidade, sob o olhar crítico e atento, já relacionado à Educação Física e à Educação, através de autores brasileiros que trataram o assunto de maneira séria, profunda e sensível. Todavia, ao reconhecer que para entender o contexto atual de determinado assunto é necessário reler criticamente seus conceitos epistemológicos e estudar seu sentido histórico em todos os tempos até os dias atuais, busquei, nas palavras desses autores, os conceitos ontológicos da humanidade desde seus primeiros registros.

Retomando há aproximadamente quinhentos anos antes de Cristo é possível perceber que os primeiros pensadores foram os *Sofistas*, pessoas estudiosas que ensinavam os cidadãos na Grécia Antiga. Seus sucessores foram os Filósofos, amantes da sabedoria e do conhecimento de todas as coisas. Dentre esses destaco aqueles que mais se direcionavam à ontologia humana para analisar seus pensamentos e ideias acerca do corpo, começando pela concepção dicotômica de Platão. O filósofo, como comenta Gallo (2006), dividiu a visão de mundo em uma realidade sensível, captada pelos sentidos, composta por matéria e uma realidade ideal captada apenas pelo intelecto ou ainda como denomina Nóbrega (2005) um “mundo sensível” e um “mundo inteligível”.

O mundo das ideias é perfeito, imutável e eterno. Já o mundo material é uma cópia imperfeita desse ideal, pois sofre influência da sensibilidade. Sendo assim, quando conceitua a composição antropológica, Platão divide o ser humano em corpo, porção de matéria, e alma porção incorpórea. Nessa divisão o corpo é o cárcere da alma e esta,

passa a ser conhecida como a detentora da razão e da sabedoria. Para não cometer injustiça, cabe lembrar que o filósofo reconhece que mesmo sendo distintos, corpo e alma são interdependentes na formação do ser humano. (NÓBREGA 2005).

Nóbrega (2005) também recorda que Platão admite a contribuição do corpo apenas como instrumento educacional para formação do cidadão ideal, como explicita em sua obra “A República”, em que desenvolve um sistema de educação com a presença da ginástica.

Gallo (2006) explica que Platão considerava necessário exercitar o corpo para torná-lo o melhor possível, uma vez que para ele, esse é limitado e imperfeito. Além disso, não se pode livrar do mesmo para ser apenas alma. Ele não desprezava totalmente o corpo, mas o punha a serviço da racionalidade expressada pela alma:

Se o corpo é imperfeito e mortal, enquanto a alma participa da perfeição das formas e das ideias, cumpre então que exercitemos a alma, de modo a nos apaixonarmos cada vez mais dessa perfeição que está além do físico. Mas o filósofo chama a atenção para o fato de que isso não pode ser feito pelo desprezo ao corpo, uma vez que não podemos abrir mão dele. Trata-se, então, de exercitar o corpo, antes mesmo da alma, de modo que essa possa exercer controle racional sobre ele. (GALLO, 2006, p.17).

Em acordo com Gallo (2006), para Aristóteles, discípulo de Platão, corpo e alma, ou segundo terminologia da época, *soma* e *psiqué*, se completam, são aspectos distintos de uma mesma realidade e nessa relação o corpo é animado pela alma (*ânima*), substância que o vitaliza. Aristóteles ameniza o dualismo, entende o *ser* sob uma perspectiva orgânica:

A alma é aquilo que anima o corpo, mas está plenamente integrada a ele. O movimento, qualquer movimento físico é feito pelo corpo, mas possibilitado pela ação da alma, da mesma maneira o pensamento é faculdade da alma, mas só pensamos porque somos corpóreos. (GALLO, 2006, p.12).

Nóbrega (2005) esclarece que o filósofo tem essa visão devido ao seu pensamento não ser voltado à cisão entre o mundo da matéria e o mundo das ideias como para seu mestre Platão. Mesmo assim, também para Aristóteles a matéria permanece inferior, visto que o mundo, mesmo que único, se apresenta hierarquicamente e os membros mais elevados são as substâncias imateriais.

Na idade média o corpo passa a ser visto pelos filósofos-teólogos como símbolo de pecado, cárcere da alma e os pensadores Santo Agostinho e São Tomás de Aquino aderem respectivamente às ideias de Platão e Aristóteles. Para eles, o homem deveria desligar-se de tudo o que fosse substância terrena para alcançar a verdadeira essência, espiritual e ultraterrena. (NÓBREGA, 2005).

Moreira (2012) demonstra a dimensão em que chegava a perseguição e até eliminação do corpo na época, exemplificando com a lembrança alarmante de que Herodes, procurando garantir a soberania romana, ao tomar conhecimento do anúncio divulgado pelos judeus de que nascera um novo rei, decreta extermínio a todos os meninos que tivessem de dois anos para baixo. “Isso se perpetua até a eliminação, na cruz, do corpo de um ser que ousava criticar as autoridades religiosas instituídas”. (MOREIRA, 2012, p.118).

Findado o período medieval, a Filosofia Moderna deixa de se preocupar com a busca pelas essências e passa a focar-se na busca pelo conhecimento certo, evidente e seguro, caracterizando o Racionalismo que teve em René Descartes (1596 – 1650), pensador francês do século XVII a maior representação. (NÓBREGA, 2005).

Descartes opõe corpo e alma, distinguindo a *res cogitans* (substância pensante) da *res extensa* (substância corpórea) em que a alma é a substância pensante e intensa que rege o corpo e seus movimentos. A visão de Descartes despreza totalmente o corpo em função do intelecto. A razão ou cogito, em uma concepção cartesiana de corpo-máquina, corpo-objeto, fragmentado em porção pensante e porção sensitiva, é soberana em detrimento da sensibilidade, considerada uma ilusão dos sentidos. O conhecimento verdadeiro é advindo da dedução intelectual. O produto da percepção corpórea resulta nas vontades ou como denomina Descartes, nas “paixões”. Estas, por sua vez, podem ser atribuídas ao corpo como sede, fome e instintos ou à alma como os sentimentos e emoções. Para o bem da alma, as “paixões” devem ser racionalizadas por serem conhecimentos confusos e obscuros ligados ao composto espírito e corpo e, não exclusivamente ao espírito a quem, segundo ele, pertence a verdade absoluta. (NÓBREGA, 2005; GALLO, 2006).

Isto posto, ainda concordo com Nóbrega (2005) a respeito da fundamental colaboração de Descartes para a Ciência. Seu modelo racionalista se constituiu em um dos principais pilares da Revolução Científica e seu posterior desenvolvimento. Porém, em versão mais recente Moreira (2012, p.118) não hesita em “censurá-lo por haver convencido os biólogos a adotarem até hoje uma mecânica de relojoeiro como modelo dos processos vitais”.

Crítica compartilhada por Le Breton (2003) quando comenta que a medicina moderna ou a biotecnologia privilegiam o mecanicismo corporal, concebendo o corpo como “[...] o arranjo sutil de um organismo percebido como uma coleção de órgãos e funções potencialmente substituíveis”. (LE BRETON 2003, p.18).

As influências da dicotomia platônica, do desprezo ao corpo enfatizado na idade média e da fragmentação cartesiana no advento da ciência moderna podem ser observadas em diversas passagens ao longo da constituição da sociedade ocidental. Entre essas passagens há uma que merece destaque especial neste estudo, a do processo de escravização de seres humanos, que no Brasil ocasionou o surgimento da Capoeira.

A Capoeira surgiu “corporeamente”. Os negros foram trazidos da África para seu corpo ser usado, tal qual o “homem-máquina” de La Mettrie, como instrumento de trabalho e reverteram essa situação fazendo deste mesmo corpo o instrumento de sua libertação. Tiveram e valores marginalizados e desconsiderados. Nos porões dos navios negreiros eram transportados como coisas, uns em cima dos outros, e quando morriam de banzo, a depressão causada pelo sofrimento, eram simplesmente descartados ao mar, como um utensílio imprestável. Chegando ao Brasil passaram por uma condição de subsistência, tiveram seus corpos marcados à brasa e foram adestrados por técnicas que superaram quaisquer umas das citadas por Foucault (1987) para que se tornassem um “corpo dócil”. Conforme comenta o autor:

O Homem – máquina de La Metrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Ao se comparar esta definição à condição escrava dos negros africanos percebe-se claramente a similaridade:

O africano era castigado e desrespeitado a partir do momento em que era capturado, comprado ou vencido na guerra, durante a viagem até o litoral, no convés dos navios, durante a travessia do oceano Atlântico, no mercado, à espera dos fazendeiros e compradores. E seguia apanhando durante toda a sua existência de escravo. A finalidade de tal tratamento era de escravizá-lo da condição humana, e assim coisificado, o africano estava pronto para ser escravo. (CARDOSO; SIQUEIRA, 1995, p.10).

O negro africano não aceitou docilmente o que lhe era imposto, pois “[...] enquanto houve escravidão no Brasil os escravos se revoltaram” (FREITAS, 1992, p. 11) e um dos fenômenos oriundos dessa revolta é a Capoeira.

A Capoeira é para os brasileiros uma das mais antigas formas de expressão corporal de uma cultura nascida aqui, com mais de três séculos de vivência, tendo resistido a toda espécie de repressão. (CAMPOS, 2000).

Ao longo de toda história do Brasil a Capoeira esteve presente em diferentes formas, pois, como um camaleão, se camufla para resistir às perseguições. Impregnou-se no imaginário coletivo do meio capoeirístico a hipótese de que, na época da escravidão,

os negros fingiam estar apenas dançando e festejando para poder praticar. Os festejos eram permitidos, mas o que os feitores e senhores nem imaginavam é que estava surgindo ali uma poderosa luta em que o negro usava seu próprio corpo como arma fatal. Há uma cantiga que ilustra muito bem essa suposição:

*Peço licença, que agora eu vou contar
A história de uma luta, a história da escravidão,
Os negros bantos eram pegos em Angola,
Pra cá eram traficados, forçados a trabalhar,
E na senzala, eles ficavam a ferros,
Muitos morreram no tronco de tanto apanhar
Dor, só existia dor, o chicote abalava
E no repique do tambor, uma luta então nascia
A esperança chegou
E eis que um dia, o feitor se assustou,
O negro estava apanhando e logo se levantou
E começou a gingar, e começou a gingar
Negro, o que você está fazendo Negro?
Feitor maldito agora vou lhe matar
Feitor maldito agora vou lhe matar (coral)
Com armada e cabeçada
Feitor maldito agora vou lhe matar(coral)
Com meia lua e a ponteira
Feitor maldito agora vou lhe matar(coral)
Com os pés e com as mãos
Feitor maldito agora vou lhe matar(coral)
(cantiga de Mestre Mão Branca²)*

Areias (1984), em **Na imitação dos animais e na agilidade do corpo – a arma da luta**, também faz suposições sobre o surgimento da Capoeira:

Não possuindo armas suficientes para se defenderem, quase nem mesmo armas convencionais da época, torna-se necessário para os negros descobrir uma forma de enfrentar as armas inimigas. Movidos pelo instinto natural de preservação da vida, os escravos descobrem no seu corpo a essência de sua arma. Tendo como mestra a mãe natureza, notando nas brigas dos animais as marradas, coices, saltos e botes, utilizando-se das estruturas das manifestações culturais trazidas da África (como, por exemplo, brincadeiras e competições, que lá praticavam em momentos cerimoniais e ritualísticos) aproveitando-se dos vãos livres que aqui abriam no interior das matas e capoeiras, os negros criam e praticam uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo (AREIAS, 1984, p. 15 e 16).

Após a abolição da escravidão a história da Capoeira complicou-se. Areias (1984) conta, em um capítulo que intitulou de **Um jeito de corpo no jogo da sobrevivência**, que os negros, apesar de libertos dos trabalhos escravos, não possuíam condições dignas de sobrevivência. Passaram então a utilizar toda sua cultura para esse fim, fazendo apresentações e passando o chapéu, vendendo especiarias, transportando mercadorias no

² William Douglas Guimarães – Mestre Mão Branca, fundador do Grupo Capoeira Gerais em BH.

cais como estivadores, fazendo trabalhos domésticos e quando tudo isso não era suficiente se organizavam em maltas e gangues em atos de rebeldia.

[...] sem ofício e jogados à sorte do “Deus dará”, considerados pela ideologia dos detentores do poder uma “raça inferior”, por um passado que não escolheram, e sem terem como conseguir sustento os negros empregaram-se em assaltos, crimes e emboscadas. (AREIAS, 1984, p.29).

Envolveram-se ainda, com a política em uma desvantajosa relação submissa:

Embora os liberais também utilizassem capoeiras como capangas eleitorais, os conservadores foram mais hábeis em arregimentá-los e selaram com as maltas uma sólida aliança política que durou de 1870 a 1890. (REIS, 1997).

A situação entrou em calamidade, o resultado de todo esse processo foi uma intensa perseguição à Capoeira e aos capoeiristas da época. Foi implantado no Código Penal de 1890 um artigo que rezava o extermínio a toda a capoeiragem. Nos anos subsequentes a Capoeira permaneceu proibida, sendo praticada apenas às escondidas, nos fundos de quintais, nas praias e arredores das cidades, até que aos poucos, tudo foi se abrandando. Devido a uma série de questões, principalmente de ordem política, a prática foi liberada. De ato criminoso passou a ser considerada esporte e cultura nacional. (AREIAS, 1984; VIEIRA, 1995; REIS, 2000).

Ennes (2006) comenta que nesse período, compreendido entre as décadas de 20 e 30 do século passado, houve uma grande mudança sociocultural do povo brasileiro que estava cada vez mais mestiço. A Capoeira deixou de ser uma prática exclusivamente negra, passando a ser um fenômeno social brasileiro. A condição política do país favorecia as manifestações populares, não com o objetivo de valorizá-las, mas sim, de controlá-las, de tê-las nas mãos. Houve na época um grande esforço de tornar a Capoeira “ginástica nacional”, responsável pela “aptidão física” e o “adestramento” do povo para o serviço patriótico.

Em analogia filosófica percebe-se o quanto os ideais, mesmo tão distantes, tanto geográfica como cronologicamente, são interligados e se repetem ao longo dos tempos. O trecho histórico referido trata do período republicano e tal qual os princípios adotados em *A República* de Platão, obra mencionada por Nóbrega (2005) e por Gallo (2006), valoriza a ginástica e o exercício físico, como instrumento para os interesses racionais e disciplinadores.

Um dos maiores ícones da época, protagonista no processo de “legitimação” da Capoeira, foi Manoel dos Reis Machado - Mestre Bimba (1900 - 1974). O mestre incorporou um estilo diferente à prática com um método de ensino ao qual denominou

Regional³, estipulou a uniformização branca, introduziu batizados, formaturas e cursos de especialização. Como relata Vieira (1998, p.70), foi “[...] capaz de traduzir para os códigos da capoeira, em suas diversas dimensões (gestuais, rituais, musicais, etc.), o espírito da disciplina e da eficiência que marcava a sociedade brasileira na época”.

Ennes (2006, p.21 e 22) critica a atitude de Mestre Bimba considerando-a favorável à dominação massificada pretendida pela elite:

O trabalho de Mestre Bimba foi considerado uma riquíssima fonte para atender às demandas do governo Vargas – para quem a Capoeira devidamente “disciplinada” serviria de modelo para a criação da “ginástica nacional”. Numa ótica esportivizante, a Capoeira passou a ser tratada pelo governo como parte do patrimônio de Educação Física brasileira. Mas que Educação Física era essa? O Estado Novo era disciplinador. Esperava da Educação Física a modernização do corpo pelo exercício físico; o aprimoramento da raça e o preparo físico para o mundo do trabalho.

Sodré (2002, p. 67), no entanto, analisa o fato sob outra perspectiva. O autor reconhece que a elite, conciliando seus velhos preconceitos ao espírito nacionalista do Estado Novo, mantinha um discurso racista ambíguo que, ao agradar, garantia a dominação. Porém, “podia-se jogar capoeira com a ambiguidade do sistema”. Mestre Bimba, ao “civilizar” a capoeira desportivamente incorporando símbolos oriundos da cultura dominante, garantiu a continuidade do jogo.

Não é sem razão que Sodré (2002), denominou sua obra de **Mestre Bimba – Corpo de Mandinga**. Na *Mandinga* quis exprimir a sagacidade de um homem capaz de equilibrar-se na corda bamba, criando, improvisando, diversificando sua atuação conforme a necessidade momentânea. E, em *Corpo* buscou o “fio condutor” (SODRÉ, 2002, p. 21), pois Mestre Bimba direcionava suas ações de acordo com o sentimento do instante, com um pensamento não-conceitual, com a sensibilidade corpórea e assim também ensinava Capoeira.

O corpo capoeirista em Sodré (2002, p. 83) rejeita a noção de corpo como “[...] mero habitáculo inflável de forças (a ideia grega de soma) e admite uma dimensão própria para a mecânica inteligente dos movimentos corporais”. Encarnou o simbolismo advindo da cultura negra em que “[...] não há predomínio da letra nem do conceito, mas força, ritmo e micropensamento corporal, que cria uma forma especial de conhecimento, uma intencionalidade física”. (SODRÉ, 2002, p.84).

³ Vieira (1998) conceitua Regional como a sistematização da Capoeira criada por Mestre Bimba como forma de recodificação dos rituais nos moldes do ambiente político e cultural da década de trinta.

E ainda:

O corpo tem lógica própria, irreduzível à lógica racionalista da cabeça. Implica uma forma de conhecimento direto intuitivo sobre o mundo, mais da ordem do adivinhar do que propriamente do saber. O corpo conhece portanto de modo próprio, antecipando, adivinhando, intuindo. (SODRÉ, 2002, p. 85).

Além de Sodré (2002), autores como Tavares (2006), Reis (2000) e mais recentemente Gonçalves Junior (2009) também discutem o corpo na capoeira enquanto memória da resistência histórica, ator na dialética corporal ou motricidade, sempre exaltando sua autonomia.

Essa concepção de corpo em muito se aproxima daquela mencionada como epígrafe deste tópico e que se funda em Merleau-Ponty (1908 – 1961). O filósofo contemporâneo define corpo sob uma perspectiva fenomenológica, considerando que esta busca as essências que se encontram na existência, limitando os mundos ideológico platônico, racional cartesiano e material a um único mundo, o mundo vivido, do qual se extrai o sentido para todas as coisas, fonte para o conhecimento. (NÓBREGA, 2005a).

O pensamento fenomenológico refere-se a uma reflexão sobre o mundo-vivido. Nóbrega (2005a, p.57) destaca que apesar da análise reflexiva sobre o mundo ocorrer no *cogito* ela diferencia-se do modelo cartesiano que reduz a ideia de mundo ao puro pensamento do que ele é. Fenomenologicamente “o mundo não pode ser substituído pela ideia de mundo”.

A consciência não constitui o mundo, mas dirige-se ao mundo para aprendê-lo, centralizando a relação ser-mundo para interpretação e significação da existência pela vivência, base para todos os sentidos. Merleau-Ponty (1999) aprofunda essa relação tendo como eixo o corpo, concebendo-o em toda sua complexidade, não apenas como corpo físico, matéria inerte, mas como corpo vivo, com intencionalidade original, ou seja, motricidade. É por meio do corpo que se percebe o mundo e nele atua, modificando-o para novas percepções e, cada corpo percebe à sua maneira de acordo com sua vivência cultural, pois:

O corpo expressa a unidade na diversidade, entrelaçando o mundo biológico e o mundo cultural, rompendo o dualismo entre os níveis físicos e psíquicos. Com meu corpo atuo no mundo. (NÓBREGA, 2005a, p. 63).

É interessante ressaltar a particularidade dessas reflexões sobre o corpo com as encontradas em Sodré (2002) quando trata o corpo na Capoeira, pois ambas distinguem-se da concepção geral observada no imaginário da sociedade ocidental em que, conforme denuncia Santin (2011) há um desinteresse humano em relação ao corpo. Este, desde cedo é colocado em segundo plano em função do desenvolvimento intelectual.

Mesmo a Educação Física trabalha no sentido de assegurar que o desempenho corporal favoreça o aprendizado dos conhecimentos intelectivos, pois os conteúdos presentes na disciplina não abordam coisas extremamente relevantes. Estas são realizadas espontaneamente ou como comenta Santin, (2011) “distraidamente”, ousando um pouco mais ao questionar: “Desde quando as atividades recreativas são sinônimo de Educação Física? (SANTIN, 2011, p. 54).

Não se ensinam a respirar corretamente, comer, dormir, ter hábitos saudáveis, coisas essenciais à vida. Santin (2011) ainda chama a atenção para mais um detalhe, quando chega a adolescência e o despertar da sexualidade, os educadores entram em pânico e acabam negligenciando a situação. O adolescente passa sozinho por esse período, sem maiores orientações. O autor faz esses levantamentos com o intuito de evidenciar que:

A imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientificada e industrializada em nada garante o cultivo do corpo, ao contrário, o reduz a um objeto, um utensílio, uma ferramenta a ser usada segundo a vontade de cada um ou, o que é pior, conforme interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos. (SANTIN, 2011, p. 55).

O corpo é visto como um instrumento a serviço da razão, a ser disciplinado e submisso, uma ferramenta nas mãos das classes dominantes, detentoras do poder racional. Em qualquer âmbito, seja ele, educacional, militar, esportivo, laboral ou punitivo, determinam-se maneiras de disciplinar o corpo, tornando-o dócil para formação do aluno ideal, do melhor soldado, do atleta mais rentável, do trabalhador mais eficaz e do réu mais pacífico (FOUCAULT, 1987).

Santin (2011) exemplifica de forma impactante a criação de corpos disciplinados e submissos e o massacre dos mesmos quando “necessário”, citando as guerras, os descobrimentos e as ocupações, enfim, destaca pontos marcantes de uma realidade da qual a humanidade está longe de se libertar, em que os que estão no poder criam um sistema de superioridade e que visa controlar a *grande massa* (milhares de seres que nascem desprovidos dos privilégios gozados pelos que os dominam), como fantoches e marionetes para o que desejarem alcançar ou manter.

Reconhecer esse fato e relacioná-lo com a experiência vivida, com os ideais e os princípios anteriormente acreditados, foi frustrante, foi como perceber que somos envolvidos por uma grande mentira, que fingimos acreditar para continuar atuando nesse imenso mundo palco. O que ameniza essa frustração é a compreensão de que, sem a pretensão de mudar drasticamente a realidade, podemos caminhar gradativamente

corroborando para suscintas mudanças, buscando também a realização pessoal enquanto contribuinte existencial. Mesmo que para isso seja preciso que se enfiltre nesse sistema.

Para Moreira (2012) não se pode entender o mundo de forma fragmentada ou detalhada, mas sim em um contexto mais amplo, visualizando o geral para compreender a razão do específico. Não é para menos que, para defender a tese da Corporeidade embasou-se em todo o histórico da humanidade relacionando os fatores inerentes a cada tema, nos eixos educacionais, políticos, teológicos e culturais da sociedade ocidental.

Concordando com Merleau-Ponty, Moreira percebe a Corporeidade como o conjunto que forma o ser e sua existência no universo. Corporeidade é massa física, é pensamento, é organismo, é ação, é alma, é espírito, é motricidade, é vida: “Sopro que virou verbo e encarnou-se”. (MOREIRA, 2012, p. 145). Entendimento que emerge aos poucos, pois como comenta Regis de Moraes (2011, p.71), não é fácil “[...] voltar-nos sobre o corpo que somos e vivenciamos no complexo horizonte da existencialização”.

Mesmo sabendo que toda experiência vivida se expressa corporalmente, discutir, analisar e refletir sobre isso se torna uma dificuldade, pois racionalizar a sensibilidade é praticamente impossível. Por isso, é importante compreender a noção de consciência sem reduzir o termo a raciocínio, para entender que o corpo é consciente e essa consciência corporal é um saber que dispensa raciocínios, uma vez que: “Inexiste qualquer *atitude* humana que seja puramente interior ou da subjetividade puramente pensante; *toda* atitude do ser humano é atitude corporal”. (REGIS DE MORAIS, 2011, p.79).

Le Breton (2003) também concebe a condição humana como corporal, apoia-se em Merleau-Ponty para enfatizar que é pelo corpo que se compreende o mundo e nele se movimenta, destacando que o conhecimento sensível orienta os movimentos corporais sem a necessidade preliminar de raciocínio lógico, “[...] na vida cotidiana, os mil movimentos e ações que enriquecem a duração do dia são feitos sem a mediação aprofundada do *cogito*, encadeiam-se naturalmente na evidência da relação com o mundo”. (LE BRETON, 2003, p.190).

Esses pressupostos ficam mais compreensíveis quando abarcados à luz da fenomenologia, pois:

Na perspectiva fenomenológica, a corporeidade é compreendida como a condição essencial do ser humano, sua presença corporal no mundo, um corpo vivo que cria linguagem e expressa-se pelo movimento, com diferentes sentidos e significados. Nesse sentido, consciência corporal é a percepção que o ser humano possui de sua realidade existencial como corpo em movimento, como corporeidade. (NÓBREGA, 2005, p.80).

É adotando a fenomenologia que nos afastamos do risco de anular nossa corporeidade, de nos anular cedendo, conforme denuncia Novaes (2003), à manipulação do corpo pela ciência. A postura fenomenológica contribui para um exercício científico rigoroso e verídico. Possibilita visualizar o que há de mais autêntico em ciência, pois une, em suas noções de mundo e de racionalidade, “[...] extremo subjetivismo ao extremo objetivismo”. (NÓBREGA, 2005, p. 58).

Para compreender a realidade existencial é preciso saber que anterior à objetividade encontra-se uma realidade pré-objetiva, a sensibilidade, base para qualquer compreensão da ação humana no mundo, perceptível apenas no corpo, pela corporeidade.

“Mas que corporeidade?” Já questionava Santin (2011, p.51).

Moreira (2012, p.143) esclarece que “corporeidade é mais que conceito, é atitude (re)significada, é vivência”, dizendo ainda que “vida significativa se faz pela arte e não por conceitos”, razão pela qual busca exprimir o sentido de corporeidade poeticamente, de maneira tão envolvente que apesar da extensão não pude deixar de citar:

***Corporeidade** é voltar a viver novamente a vida, na perspectiva de um ser unitário e não dual, num mundo de valores existenciais e não apenas racionais, ou quando muito, simbólicos.*

***Corporeidade** é voltar os sentidos para sentir a vida em: olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar o odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira com que gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo essa experiência a outros no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber.*

***Corporeidade** é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente quanto coletivamente. Ser mais, é sempre viver corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e si mesmo.*

***Corporeidade** é existencialidade na busca de compromissos com a cidadania, com a liberdade de pensar e agir, consciente dos limites desse pensar e desse agir.*

***Corporeidade** é andar mais descalço para o retorno ao respeito à natureza; nadar mais rios, procurando batalhar por águas límpidas e cristalinas; apreciar mais entardeceres, onde o horizonte não seja um buraco de ozônio ou esteja camuflado por nuvens de poluição; viajar mais leve, sem levar sempre, um guarda-chuva, uma bolsa de água quente, uma galocha e um pára-quedas; viver o dia-a-dia com menos imaginários.*

***Corporeidade** é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidade, através de atos ousados ou através de recuos necessários sem achar que um nega o outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo, numa relação dialógica.*

Corporeidade é tema de discussões científicas, realizadas com radicalidade, com rigor e de forma contextualizada, mas sem separar o corpo em partes para depois juntar; sem manipular pessoas para depois desculpar; sem criar prosélitos para depois deixá-los a ver navios; sem transformar teorias em dogmas, pois enquanto aquelas são abertas e passíveis de reformulações, estes são sinônimos de regras imutáveis a serem seguidas, justificando tudo, às vezes até a ausência da corporeidade.

Corporeidade é sinal de presencialidade no mundo. É sopro que virou verbo e encarnou-se. É presença concreta da vida fazendo história e cultura e, ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e essa cultura.

Corporeidade sou eu. Corporeidade é você. Corporeidade somos nós, seres humanos carentes, razão pela qual nos movimentamos para a superação de nossas carências.

Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois um sem o outro são inconcebíveis. Para os que estão pensando que corporeidade tem muitas utilidades, lamentamos dizer que estão errados, pois corporeidade não é algo que nos apropriamos com um fim utilitário. Quando pensamos na ideia de apropriação, já destinamos o corpo a uma posição de submissão ao espírito ou à mente. Aí, já diziam pensadores como Marx e Nietzsche: a soma das partes não dá o todo.

Corporeidade não é tema que vai salvar o mundo. No entanto, corporeidade é existencialidade viva, e vida preserva e se nutre na relação com o meio ambiente.

Corporeidade é o ser vivente exercitando sua motricidade.

Corporeidade não é um conceito, é um estilo de vida na busca da superação. Enfim, **CORPOREIDADE É!!!!!!**⁴

Sobre a corporeidade na Capoeira, há anos atrás na introdução de um trabalho de conclusão de curso, percorri algumas linhas intituladas de “A Magia da Capoeira”. Tentei assim, descrever a sensação singular da prática da Capoeira, mas reconheço que a experiência real é indiscritível. É um grande mistério, não sei se ao jogar Capoeira, falamos com o corpo, ou se o corpo fala por si só. Na verdade quando se entende o corpo na perspectiva de Moreira (2012), o Ser em toda sua realidade ontológica, percebe-se que ao jogar Capoeira se exerce sublimemente a Corporeidade:

A Capoeira tem algo de mágico, algo tão envolvente que é capaz de mudar as pessoas, transformar suas vidas e até sua personalidade.

É um mistério, um outro mundo em que tudo é expressado de uma só maneira, tanto a alegria quanto a tristeza, a ansiedade ou a tranquilidade, o ódio ou o amor, tudo isso é manifestado pelo capoeirista quando ele joga, canta, toca instrumentos ou simplesmente bate palma e faz coral.

A alma do capoeirista é a Capoeira, essa luta, essa dança, essa ginga, esse jogo de malandragem, essa energia é sentir o sangue correr nas veias, a pele se arrepiar, o ar entrando pelos pulmões e sendo levado pela corrente

⁴ Tal qual uma das ladainhas da Capoeira trago essa expressão sobre o sentido de Corporeidade explanada por Wagner Wey Moreira nas páginas 144, 145 e 146 da obra Homo Sportivus – O Humano no Homem

*sanguínea até o coração que bate acelerado para conter tanta emoção, é pura vida e sentimento!*⁵

Bem, quanto à continuidade do presente estudo, segundo Moreira (2012, p. 135):

A corporeidade é, existe e possui, através da cultura, significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por meio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura – dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos –, e aprendizagem da história - enfatizando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura.

Essa reflexão sobre a perspectiva de uma educação humana, centrada na existência, voltada para promoção da autonomia do “Ser”, relacionando corporeidade, educação, cultura e história será a pauta da próxima seção, ilustrada pelos fundamentos e princípios encontrados na Capoeira.

⁵ Trecho da introdução da Monografia: A Arte de Crescer Gingando – Os Benefícios que a Capoeira pode trazer no Desenvolvimento Global. Meu trabalho de conclusão do curso de graduação em Educação Física em 2005.

2.1.2 O Abc da Capoeira: destaque às Possibilidades Educativas

*Eu vou ler o beabá / O beabá do berimbau
A cabaça e o caixixi / Com um pedaço de pau
A moeda e o arame /Aí está o berimbau
Chula de Mestre Pastinha⁶*

Muito se fala sobre a importância da educação para o crescimento e o fortalecimento de uma nação, porém, torna-se imprescindível que se aprofunde as discussões sobre o tema, buscando conceituações corretas e concepções mais críticas, evitando a banalização e entendimentos equivocados. Aqui no Brasil, local em que as desigualdades sociais são gritantes e a luta de classes parece infindável, a ideologia desse discurso serviu, na verdade, para a utilização dessa “educação” como instrumento de dominação e o “crescimento e o fortalecimento da nação” como sinônimo da manutenção dos privilégios da classe dominante.

Freire (1987) critica esse sistema denominando-o metaforicamente de “educação bancária”, pressupondo o acúmulo desnecessário de informações, acompanhado a uma relação vertical entre o educador e o educando. O educador é o sujeito que detém o conhecimento e o educando é o objeto receptor passivo desse conhecimento. O propósito da “educação bancária” é a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e que se submetem à estrutura de poder vigente.

Como emancipação a esse tipo de educação, Freire (1987) sugere a educação “libertadora” ou “problematizadora” em que educador e educando são companheiros no processo de ensino e de aprendizagem, havendo um diálogo mútuo que atenderia à vocação ontológica do ser humano: humanizar-se. O educador libertador é revolucionário, acredita, sobretudo, no potencial de criação do ser humano e atua como um mediador desse processo buscando a autenticidade na “Educação como Prática da Liberdade”.

A Educação Física enquanto prática pedagógica educacional não deve se distanciar desses ideais, pois:

Toda gama de conhecimentos necessários à educação em geral e a educação física, advinda das ciências empírico-humanas que explicam os variados processos educativos e embasam práticas educacionais concretas, só adquire sentido se visualizada a partir da concepção do que seja o homem, a sociedade e os fins da educação. (GONÇALVES, 2012, p.11).

⁶ Mestre Pastinha – Vicente Ferreira Pastinha (1889 – 1981) Baluarte, defensor da tradição da Capoeira Angola, a Capoeira tida como primitiva, mística, ritualística.

Para Medina (1995) a Educação e a Educação Física não se realizam de forma neutra e independente, como também não se tornam práticas educativas distantes do contexto existencial mais amplo que as envolve: costumes, classes sociais, política, entre outros.

O professor de Educação Física, para além das preocupações que norteiam a práxis dos docentes das demais disciplinas, também deve considerar as questões relacionadas ao sentido da corporalidade/corporeidade e do movimento na vida humana. (GONÇALVES, 2012).

Essa compreensão remete à Rezende (1990, p. 49) quando alerta: “[...] o homem não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo, suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação.”, lembrando ainda que “[...] assim como o homem não é só animal, nem só razão, ele não é, tampouco nem só individual, nem só social”. É necessário entender que não devemos considerar no ato educativo apenas os aspectos sociais e econômicos.

O mesmo autor defende que ao se refletir sobre os aspectos educacionais, é necessária a superação do reducionismo, muitas vezes presente nas propostas para a área quando dão exclusividade às questões de ordem social e econômica. Com isso justifica sua abordagem fenomenológica em educação: “Para a fenomenologia, não há aprendizagem humana, enquanto esta é reduzida em função do paradigma proposto: animal, mecânico, sociológico, econômico e ideológico.” E enfatiza: “[...] ao falar de aprendizagem humana, queremos dizer que se trata, finalmente, de aprender de maneira humana a sermos homens, para existirmos como tais”. (REZENDE, 1990, p.50).

Moreira (2006, p.140) ao discorrer sobre a relação corporeidade, educação e fenomenologia, complementa essa reflexão alertando que “[...] a corporeidade, ao participar do processo educativo, busca compreender o fenômeno humano, pois suas preocupações estão ligadas ao ser humano, ao sentido de sua existência, à sua história e à sua cultura”.

O sistema educacional ainda permanece distante desse ideal. Sob a influência do pensamento cartesiano, em que o todo é compreendido como a soma de suas partes específicas, não pretende mais que preparar indivíduos para a funcionalidade social, instrumentalizando o corpo em função do pensamento racional.

Moreira (2011) conceitua essa tendência como “paradigma mecanicista”, o que em educação se traduz em uma assimilação mecânica e acrítica de conteúdos

descontextualizados a serem cobrados quantitativamente em avaliações que simbolizam a eficácia da aprendizagem, mas que não processam o ato educativo.

Já Inforsato (2006, p. 92) explica que:

Embora o termo educação, na sua raiz latina signifique conduzir de dentro para fora, guiando o corpo para a total manifestação de seu potencial, ele também guarda o significado de cuidado – cuidar de alguém mantendo controle sobre seu corpo. Tanto assim que ao longo da história da humanidade, essa dimensão da educação como controle dos corpos para uma sociabilidade desejada, sempre assumiu um lugar significativo.

O autor faz ampla análise desse processo relacionando a Educação à evolução humana e à maneira de nos organizarmos socialmente. Enfatiza que conforme a sociedade foi se modernizando, a educação tornou-se cada vez mais complexa, dando origem a “sistemas de difusão organizados” e assumindo a dimensão de instituição, o que acarretou sua divisão em “formal” e “informal”. A primeira, objetivando a disseminação dos códigos, esquemas, processos e leis para a submissão do indivíduo à disciplina do trabalho organizado em operações de base científico-tecnológica e a segunda, pautada nos controles do Estado, buscando a socialização deste indivíduo, difundindo as “práticas particularistas mais subjetivas”, criando uma “mentalidade fiel à nação”. Assim, a sociedade moderna institui o ser humano como “[...] alguém que desempenha papéis sociais e que, com seu desempenho ligado aos vários níveis de composição social, contribui para o bom funcionamento da sociedade”. (INFORSATO, 2006, p.95).

O mais preocupante é que sendo a educação um empreendimento de difusão de valores que pretende que o ser educado tenha compreensão e aja no mundo de acordo com esses valores, a compreensão divulgada e ensinada pela sociedade moderna construída sobre bases alfabetizadas, difundiu os conteúdos e modos que se adequavam às estruturas elementares do cartesianismo, baseando-se fundamentalmente no método racional e na expressão matemática das coisas e do mundo.

Na contemporaneidade observa-se que esse sistema organizacional entra em crise. Com a evolução tecnológica e os avanços científicos, as formas de comunicação e as atividades de produção sofrem alterações que dispensam parte significativa da mão de obra. Incapaz de acompanhar essas mudanças, a educação falha nas dimensões mencionadas nos parágrafos anteriores, pois “[...] a ideologia laica encontra meios de difusão mais poderosos e a globalização enfraqueceu sobremaneira a crença nos Estados-Nação como lugar de proteção e de fidelidade a um território”. (INFORSATO, 2006, p. 105).

A corporeidade também sofre reflexos dessa “evolução”. Com a multiplicidade de linguagens e a artificialidade das relações é afetada por uma “crise identitária”. O corpo, ao se ver condicionado às práticas institucionais e acomodado ao funcionalismo, não é capaz de atender a uma das demandas mais emergentes na contemporaneidade: se conceber enquanto sujeito, perceber o outro e o mundo ao seu redor. “Neste cenário, o corpo navega à procura de si e dos outros”. (INFORSATO, 2006, p. 106).

Torna-se imprescindível para o educando o domínio de uma eloquência corporal a ser adquirida no aproveitamento de novas formas de exprimir e de explorar o mundo, cabendo à educação oferecer possibilidades de invenção e descoberta dessas formas, pois:

A sobrevivência e afirmação de uma sociedade estão na potencialidade e na atualização de formas inventivas de se viver juntos. Parece-nos que não há formas de se viver juntos sem a intermediação da tradição, assim como se estiola a convivência quando essa fica fossilizada nos estreitos limites da tradição. [...] Apela-se para novos pactos nos quais haja a conciliação entre um corpo ansioso por desejos e processos de controle mais afeitos aos desígnios contemporâneos. (INFORSATO, 2006, p.107).

Em voo rasante em busca de perspectivas promissoras à Educação Física para este novo século, passando pelo já mencionado paradigma mecanicista vivenciado no século passado, Moreira (2011) vislumbra a paisagem de uma concepção sistêmica para a educação, valorizando o humano e a vivência cooperativa em que, competição e mútua dependência equilibram-se. Decolando um pouco mais, nas alturas da Educação Física, aponta para uma pedagogia do movimento pautada na motricidade, sendo esta concebida como “processo adaptativo, evolutivo e criativo de um ser prático, carente dos outros, do mundo e da transcendência”. (MOREIRA 2011, p.207).

Melhor compreender esse panorama nas descrições do autor:

Na motricidade o físico, o biológico e o antropológico estão presentes. [...] O conceito de motricidade, transportado para ação educativa propiciará a vertente pedagógica da educação motora que procurará o desenvolvimento das faculdades motoras imanes no indivíduo por meio da experiência, da auto descoberta e da auto direção do educando. A educação motora, possibilitando ao educando um dinamismo intencional criativo e prospectivo, proporá ao mesmo mais do que saber fazer, chegando mesmo a um saber ser. (MOREIRA, 2011, p. 207).

Em outra ocasião, ainda preocupando-se com aspectos educacionais, Moreira (2006) recomenda a consideração da teoria da complexidade de Edgar Morin (1986), em que ver, perceber, conceber e pensar são termos inseparáveis.

Esse pensamento justifica a necessidade de conhecer-se a si próprio para melhor conceber o mundo fora de si uma vez que “[...] o conhecimento complexo exige que nos situemos na situação, nos compreendemos na compreensão e nos conheçamos ao

conhecermos” (MOREIRA, 2006, p. 142). Reconhecendo que adotando essa concepção da complexidade como base da educação para a existência humana via corporeidade, não estará resolvendo a situação através de uma resposta pronta, mas, pelo contrário, estará apontando para as incertezas, assumindo as dificuldades, estimulando a reflexão e a busca pelo pensamento multidimensional que considere as dimensões individual, biológica e social. E enfatiza:

É fundamental que o corpo ativo/corporeidade seja educado numa perspectiva da teoria dos jogos, na qual sempre é possível integrar eventualidades e determinismos, e ver combinações entre ordem e desordem, entre acaso e necessidade. É urgente que se entenda, em educação, o que é complexo, ou seja, o que é tecido junto. (MOREIRA, 2006, p. 143).

Iluminada por estas reflexões e pela experiência existencial, percebo que a Capoeira muito se aproxima desses pressupostos. É carregada de valores intrínsecos extremamente similares aos fundamentos filosóficos discutidos até então, configura-se como uma instigante fonte de observação e discussão, objetivando a dialética entre um saber popular arraigado no contexto histórico, social e político de nosso país e as bases epistêmicas que norteiam os recentes rumos da literatura acadêmica.

Ennes (2001) defende a relevância de se inserir o saber popular, discutido criticamente, problematizado em seus aspectos sociais, culturais e econômicos, aos saberes da educação institucionalizada, corroborando para a construção de campos de intervenção social, por meio de uma proposta política de educação e cidadania.

Analisando trabalhos de autores como Areias (1984), Vieira (1998) e Campos (2000) é possível destacar que a Capoeira surgiu em ânsia de liberdade e continua sendo uma forma de refúgio, de luta por uma vida melhor, uma fuga do sistema que oprime a vida cidadã, uma luta pela igualdade. Esses autores indicam que a Capoeira é uma arte multidisciplinar que envolve seus praticantes e é capaz de mudá-los em todos os aspectos de suas vidas e em qualquer fase de seu desenvolvimento.

Ennes (2001, p. 3) afirma que “Reconhecer a Capoeira como instrumento de educação, produzido no contexto histórico, social e político de nossa nação, é elevar a cultura a elemento pedagógico capaz de colaborar com a construção da cidadania”.

É pertinente a argumentação deste autor, porém com exceção de um ponto. Não é um intuito nesse estudo advogar em defesa da instrumentalização da Capoeira em prol da educação. O ato educativo presente na prática da Capoeira surge como consequência e não como prioridade. O pretendido é observar como ocorre esse processo, dialogando com as premissas de uma aprendizagem significativa, que possa ser associada a qualquer

conteúdo ou tema a ser desenvolvido, com vistas a uma educação libertadora que promova a emancipação do educando.

A Capoeira, por longa data, permaneceu à margem da educação escolar. Esteve presente na constituição de nosso país com participações decisivas em nossa história, no entanto, o educando brasileiro foi privado do conhecimento desses fatos, deixando de identificá-la como parte de seu contexto existencial. Provavelmente isso ocorreu por motivos ligados às questões já discutidas anteriormente em relação à educação brasileira: não seria interessante disseminar um movimento libertador quando o que se pretendia era formar um indivíduo conformado e disciplinado para o trabalho.

O acesso à aprendizagem da Capoeira amplia o conhecimento sobre como se deu a formação cultural de grande parte do povo brasileiro. Sua prática mantém viva a maneira de “ser” do nosso povo lutador pela igualdade. A Capoeira, além de esporte, dança, luta ou jogo, é uma manifestação cultural que representa um modo de enfrentar o mundo e a vida. Uma forma que o povo brasileiro, principalmente as classes mais oprimidas e marginalizadas, encontrou e desenvolveu para resistir e lutar contra injustiças sociais e formas autoritárias de relação. Ela pode servir de exemplo para todas as pessoas, pois, independente da classe social, sempre é preciso superar obstáculos, fazer planos e enfrentar dificuldades de várias formas. Todos nós precisamos desenvolver uma atitude de luta, aspecto esse, natural no ser humano.

A prática da Capoeira e a aprendizagem por ela proporcionada refletem diretamente na realidade do praticante, promovendo uma série de vivências que influenciam a maneira do sujeito estar e “ser-no-mundo”.

Reis (2000) defende, inclusive, que o capoeirista faz uma relação analógica entre a roda de capoeira e o mundo, permitindo “[...] pensar o espaço da roda como uma metáfora do espaço social”. (REIS, 2000, p.172).

Princípios básicos exercitados na Capoeira como expressão corporal, agilidade, destreza, flexibilidade, criatividade, espontaneidade e integração social, traduzem aspectos que refletem na vida do capoeirista, o qual passa a encarar o mundo, bem como suas dificuldades e obstáculos com uma nova postura atitudinal. O capoeirista aprende a enfrentar e superar muitas dificuldades e situações. Está sempre descobrindo como agir nas mais inusitadas e inesperadas circunstâncias, precisando transpor os mais variados obstáculos e barreiras. Consequentemente transfere essa experiência para a rotina cotidiana, adquirindo uma nova forma de agir na vida.

Moreira (2006) adverte que o sistema institucional educacional tem mudado com a sociedade moderna. Por esse motivo torna-se relevante explorar a relação entre essa organização e o corpo, entender as possibilidades e os limites de manifestação de uma corporeidade autônoma que se eduque e seja educada para a emancipação.

Relacionando esse entendimento à Capoeira, encontra-se em Palmares (2002) uma reflexão muito pertinente. A autora relata que a Capoeira, como um elemento da cultura afro-brasileira, é parte de um arcabouço cultural que possui referenciais distintos dos europeus. “Os referenciais da Capoeira fazem parte da visão de mundo africana na qual a religião é ponto fundamental e o corpo tem um papel crucial na existência do indivíduo. O corpo é vida”. (PALMARES, 2002, p.8).

Nóbrega (2005, p. 63) enfatiza: “[...] o corpo expressa a unidade na diversidade, entrelaçando o mundo biológico e o mundo cultural, rompendo o dualismo entre os níveis físicos e psíquicos. Com meu corpo atuo no mundo”.

O corpo é a fonte de compreensão do mundo percebido. É ele que dá sentido não apenas aos objetos naturais, mas também aos culturais e na Capoeira, como bem define Sodré (2002, p. 22):

É o corpo soberano, solto em seu movimento, entregue ao seu próprio ritmo, que encontra instintivamente o seu caminho [...] o capoeirista improvisa sempre e, como artista cria. Na capoeira, assim como na filosofia de Nietzsche, o corpo pensa.

Essa pode ser a base para uma aprendizagem significativa, pois, Rezende (1990), estabelece como quesito essencial à significância da aprendizagem, o sentido da mesma para o aprendiz.

Ao analisar fenomenologicamente as relações semânticas da educação, Rezende (1990), identifica que há três “sentidos” à palavra sentido, para significar uma aprendizagem. O primeiro diz respeito aos cinco sentidos do sistema sensorial e nesse caso é necessário “educar os sentidos”, aprender a ver, ouvir, cheirar, sentir para formar a “consciência perceptiva”, constatando a realidade conscientemente e não da forma alienada a que nos acostumamos pelo automaticismo.

O berimbau comanda o ritmo na roda de Capoeira, é de acordo com a variação de seus toques que os capoeiristas jogam. Para tanto é necessário que saibam ouvir e distinguir esses toques.

Também é ouvindo o berimbau que os demais percussionistas tocam, tateam os outros instrumentos e não o fazem automaticamente, necessitando estar em sintonia com

a roda. Ao mesmo tempo em que dita o ritmo, o tocador do gunga⁷ segue a sincronia do jogo que acontece para poder direcionar seus cânticos e próximos toques. Dessa forma vê, além de dois indivíduos na roda, as possibilidades, decifram as jogadas, os gestos e alerta, relata ou lamenta tocando e cantando. Na trama do jogo o capoeirista que está jogando também está atento a tudo isso. A energia é percebida até mesmo no paladar, sente-se a saliva mais espessa, a boca mais seca, o hálito amargo devido à fadiga intensa e quanto mais treinado a perceber esses sentidos melhor ele joga. Consegue visualizar antecipadamente o movimento do parceiro, direcionar e comandar o jogo.

O segundo sentido da palavra *sentido*, de acordo com Rezende (1990), trata-se de uma significação propriamente dita, uma educação da inteligência, ou seja, aprender a compreender e pensar, reconhecendo os limites do conhecimento e as múltiplas manifestações da verdade. Simboliza a capacidade de refletir, meditar sobre algo e acrescentar sentido. A Capoeira é carregada de princípios e fundamentos. Nela, em tudo há um porquê, cada movimento ou ritual acontece com um objetivo. No decorrer de seu desenvolvimento, o capoeirista aprende a decifrar esses símbolos e a decidir o momento ideal de utilizar cada um, a refletir sobre eles e a negá-los quando necessário.

O capoeirista é livre para criar e improvisar desde que preserve o significado, desde que a atitude tenha sentido. Exemplos simples vão desde a formação circular da roda, para que se mantenha um elo entre todos os participantes, até a execução de sequências, movimentos de capoeira realizados consecutivamente, podendo ser individual ou em dupla, em que cada movimento tem sua objetividade e, mesmo assim, pode ser alterada de acordo com a intenção no momento. O capoeirista procura encontrar sentido também em suas outras atividades, a questionar suas relações familiares e sociais, a direcionar suas ações com mais objetividade e consciência corporal.

Essa sabedoria do corpo foi bem aproveitada nos ensinamentos de Mestre Bimba, sempre com justificativa intencional para cada movimento, conforme comenta Sodré (2002, p. 84):

[...] formas da sabedoria corporal faziam-se presentes de modo claro e consciente no ensino de Mestre Bimba. Primeiro, a importância do gingado, que orienta a defesa e o floreio das mãos, obrigando à flexibilização da coluna vertebral, à movimentação contínua dos pés, suscitando o equilíbrio dinâmico do corpo. Depois o deslocamento leve dos pés a partir da cintura relaxada. [...] Finalmente, a obtenção de um estado mental lúdico e ritmicamente ligado com a roda (desde o primeiro parceiro do jogo até todos os membros da orquestra), visando à confiança em si mesmo e ao controle do medo.

⁷ Gunga é o berimbau que possui a maior cabaça e som mais grave, é ele quem dita o ritmo para os outros instrumentos e para os jogadores. É acompanhado por mais dois berimbaus, o médio, com cabaça média e som em tom também médio e o berimbau viola, com cabaça pequena e som agudo.

Ainda em relação ao segundo sentido, Rezende (1990) concebe a aprendizagem significativa como “hermenêutica e interpretativa”. O termo interpretar, além de significar compreender, pode significar também representar, exhibir, encenar, figurando a compreensão das possibilidades de ser no mundo. O ser humano vive interpretando seu ser no mundo. A Capoeira é uma atividade de intensa expressividade, constitui-se como extremamente significativa em termos de situações de interpretação (em seu sentido dramático e teatral) vivencial, de atualização (ato-ação) das possibilidades de ser inerentes ao ser humano. Enfatiza o potencial de desenvolvimento e crescimento pessoal, pois, fora do *mundo capoeirano* o capoeirista não deixa de ser capoeirista, malandro, manhoso e astuto, procurando agir ou *atuar*, da maneira mais conveniente, sentindo-se seguro para tanto.

Rezende (1990, p.54) estabelece como terceiro sentido do termo *sentido* a “orientação que a existência está tendo, ou poderia ter, em função do posicionamento dos sujeitos ante a realidade do mundo (primeiro sentido) e sua significação (segundo sentido), tal como percebida existencialmente e interpretada de maneira inteligente.” Para que isso seja possível é necessário mais que compreender o sentido, é necessário “compreender a gênese desse sentido” e considerá-la ao entender o processo e ao projetar. “A aprendizagem humano-significativa só se completa quando faz intervir o sentido das decisões ou indecisões, dos rumos ou desvios, que dizem respeito à história em toda sua complexidade”. (REZENDE, 1990, p.56).

Desvelar as questões inerentes ao processo de constituição da Capoeira faz parte da compreensão de seus princípios e fundamentos, da simbologia em seus ritos:

*Dona Isabel que história é essa?/ Dona Izabel que história é essa?
De ter feito a abolição / De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
Tô cansado de conversa / Tô cansado de ilusão
A abolição se fez com sangue / Que inundava esse país
Que o negro transformou em luta / Cansado de ser infeliz.
A abolição se fez bem antes / Ainda por se fazer agora
Com a verdade da favela / Não com a mentira da escola.
Dona Isabel chegou a hora / De acabar com essa maldade
De ensinar aos nossos filhos / O quanto custa a liberdade.
Viva Zumbi nosso rei negro / Que fez-se herói lá em Palmares
Salve a cultura desse povo / A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos / E já jogava Capoeira
(Cantiga de Mestre Toni Vargas⁸)*

⁸ Mestre Toni Vargas do Centro Cultural Senzala – RJ. Escreveu essa música para desmistificar o louvor à Princesa Isabel pela abolição da escravatura e exaltar a luta de Zumbi pela liberdade dos negros.

Existe fenômeno mais ambíguo e obscuro que a escravidão e o surgimento da Capoeira? Ainda assim o capoeirista busca em suas múltiplas opções definir os acontecimentos e com genialidade os traduz em arte. Esse cântico de desabafo de Mestre Toni Vargas é apenas um exemplo de inúmeros outros existentes que, da mesma maneira, criticam, refletem, repensam os fatos radicalmente e os relacionam com a atualidade. A Capoeira provoca no sujeito a curiosidade, tão importante no aprender. Onde? Como? Quando? Quem? Por quê? Busca o *para quê* de qualquer atitude antes de manifestá-la.

A vivência capoeirística proporciona ao sujeito uma ativação, ampliação e complexificação da percepção. O indivíduo toma consciência de seus potenciais, das possibilidades diversas de se manifestar. Entrega-se cada vez mais ao novo, ao seu momento existencial. Assume uma postura de luta e enfrentamento perante a vida, tornando-se capaz de adaptar-se, de forma mais flexível, às mudanças constantes que a realidade lhe impõe, em uma verdadeira abertura progressiva à experiência.

A aprendizagem significativa implica ainda em, a partir dessas conotações de *sentido*, possibilitar a projeção do conhecimento para além do pragmatismo (concepção imediata desdobrada nas etapas práticas, ou seja, o *como* nas situações) e do materialismo dialético, quando esse permanecer reduzindo a estrutura a seus aspectos formais, privilegiando os processos e a racionalidade.

Rezende (1990) enfatiza que, como manifestações do sentido, a liberdade, o projeto, a utopia e a revolução são rumo e orientação da existência, seja ela individual ou coletiva e a aprendizagem não pode desconsiderar isto, sob pena de não mais se verificar como humana e significativa.

Esse entendimento indica aceitação à novas ideias, o desprendimento do conceito atual ou tradicional, a compreensão de que não há verdade absoluta, a abertura à todas as possibilidades e, sobretudo, a busca por transcender o constatado, o que na Capoeira é um ato contínuo.

Parte da dificuldade em definir e conceituar a Capoeira está aí. Ela é ao mesmo tempo concreta e abstrata. É modulável, flexível, adaptável, sem deixar de ser autêntica. Preconiza a existência em detrimento aos preceitos de sua essência e por isso flui. Independente da condição ou da situação.

Na simplicidade de sua filosofia, Vicente Ferreira Pastinha, o célebre Mestre Pastinha (1889-1981), que fez da Capoeira sua própria vida. Iniciando aos oito anos de idade e realizando grandes feitos, que só cessaram com a sua morte, entre outras

sapiências, já nos dizia a respeito da capoeira: “seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”.

Seu princípio não tem método específico porque respeita a individualidade de cada aprendiz, a cada qual é ensinada de uma maneira, a um tempo e a um espaço. Em alguns casos é aprendida sem ensinamentos planejados, é incorporada e manifestada naturalmente pelo aprendiz. Seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista porque é infundável, quanto mais se sabe, mais se quer saber, pois a cada época, local ou situação a Capoeira tem uma forma de manifestação sem, contudo, negar ou desconsiderar sua gênese. Está em processo constante de projeto, criação, evolução e revolução.

Bem, cabe esclarecer que esses três sentidos da palavra sentido não acontecem em tempo linear, mas a todo o momento da aprendizagem significativa. O tempo todo se atenta às percepções dos cinco sentidos físicos, busca-se a compreensão do sentido significante e a resignificação, por meio da análise da gênese e da formulação de sua própria concepção. Entendido isso, fica claro que uma aprendizagem significativa consiste, na verdade, na aprendizagem da cultura, uma vez que “educar-se é aprender a fazer história, fazendo cultura”. (MOREIRA, 2006, p.140).

Refiro-me aqui à cultura compreendida em seu contexto mais amplo, distanciando-se de qualquer conceito simplista que possa ser atribuído ao termo e aproximando-se do pensamento de Rezende (1990), em que a cultura é o que significa a existência, simbolizando a existência significativa do ser humano através da história. Para o autor, a cultura é a experiência mais duradoura da humanidade, pois com ele prossegue durante toda sua existência.

O ser humano manifesta sua existência culturalmente. A cultura de cada grupo caracteriza sua vivência, demonstra sua distinção, sua forma específica de ser-no-mundo, sua identificação. Cada grupo constrói-se historicamente expressando-se pela linguagem, estabelecendo a dialética homem-mundo para significar-se existencialmente. Como cada grupo possui uma forma diferenciada de interação com o mundo, este se divide em vários mundos, de acordo com cada vivência grupal. (REZENDE, 1990).

É aprendendo cultura que homens e mulheres são capazes de interpretar e significar suas existências:

Essas diversas formas se *con-formam*, e o conjunto dos tópicos é que constitui a estrutura do mundo em relação essencial e dialética como a estrutura do homem. Em outras palavras é de forma estruturada que a cultura exprime a existência, e a interpretação desta última, a aprendizagem da cultura, coincide com a interpretação dos diversos tópicos de maneira estruturada. Neste sentido é que podemos falar de um discurso cultural vivido e de uma estruturação do

sentido e dos sentidos nas diversas formas de manifestação. E falamos, igualmente, da estrutura cultural simbólica, a cultura reunindo, concentrando, articulando e fazendo circular o sentido em todos os sentidos. O mundo humano é o mundo da cultura, um mundo simbolicamente estruturado. (REZENDE, 1990, p.60).

Se o mundo é simbolicamente estruturado e cada uma dessas estruturas de mundo possui uma simbologia diferente, a aprendizagem dessa simbologia torna-se essencial a cada indivíduo para sua interação no grupo. É imprescindível que o Ser consiga decifrar cada código ou símbolo para que possa comunicar-se: entender os sentidos e fazer-se entender.

Nessas diversas estruturas de mundo, quando um sujeito decide aventurar-se em um mundo distinto do seu, com uma cultura diferenciada, precisa ter habilidade para distinguir a simbologia estrutural para significar sua atuação. Em muitos casos essa imersão a um mundo distinto, ocorre não só por uma decisão do sujeito, mas por uma necessidade vital de transcendência. Como é impossível conhecer todas as culturas com seus diversos símbolos é importante que se adquira uma habilidade de interação, de resistência à tensão inicial causada pela ignorância dos códigos e uma postura ousada frente ao novo. Essa atitude possibilita a aprendizagem cultural e significa à existência nas diversas estruturas de mundo.

A filosofia da Capoeira ensina essa maneira de ser. O “Ser Capoeirista” ousa audaciosamente em busca de transcender-se existencialmente, até que consiga, arriscando, apoderar-se da cultura, significando concretamente a vivência. Não se abala com o desconforto inicial causado pela diferença, não se intimida pelos deslizes que, por ora, ocasionam constrangimentos. Carrega em si o lema de “ao cair, levantar-se” quantas vezes forem necessárias, pois a queda faz parte do jogo e só jogando é que se aprende.

Na compreensão fenomenológica essa maneira de “ser-no-mundo” influi mutuamente na infra-estrutura, na estrutura e na supra-estrutura que constituem esse mundo, pois:

A própria existência, como fato primitivo e originário é a infra-estrutura que sustenta tanto a estrutura como a supra-estrutura. Como expressão global da existência, a cultura é a estrutura, “forma concreta da existência”. E, como expressão de expressão, a linguagem, em todas as suas formas, é a supra-estrutura, exprimindo a estrutura cultural, que por sua vez exprime a infra-estrutura existencial. (REZENDE, 1990, P. 61).

Ampliando essa concepção para a macroestrutura, a cultura humana, que engloba todos os tipos de cultura, Rezende (1990) relata que a compreensão da dinâmica histórico - cultural inicia-se pela significação dos acontecimentos, em um processo contínuo de

produção cultural, pois a história da humanidade constitui-se de ações humanas que se manifestam nesses acontecimentos. Interpretando-os é possível compreender e construir história e cultura.

Um das formas essenciais da existência histórica e cultural do homem é a organização social. Oriunda da maneira pela qual se constituem as relações humanas, se visualizada na concepção marxista sobre o capitalismo, ocorre por meio da divisão em classes, em que se enfrentam mutuamente, porém desigualmente, as classes dominantes e as classes dominadas.

As culturas geradas por essas classes também são respectivamente dominantes e dominadas e “[...] a educação como aprendizagem da cultura implica, portanto, a compreensão, teórica e prática, do sentido da dominação, e sua recusa como sentido inaceitável para uma existência propriamente humana”. (REZENDE, 1990, p.65).

Pode ser esse um dos motivos pelo qual há tamanha aproximação da educação presente na Capoeira com essa perspectiva de educação que liberta e transcende, pois ela, a Capoeira, surgiu como forma de resistência a uma dominação, resistência a um processo de desumanização de um povo, surgiu como busca de uma existência digna e humana.

Para atingir concretamente essa perspectiva educacional torna-se necessária a superação da redução da cultura à ideologia. Ideologia esta, que apresenta o mundo não como ele é realmente, mas de acordo com o ideal criado, imaginado, idealizado pelo pensamento estritamente racional, elaborado por interesses políticos, econômicos e sociais. A fenomenologia propõe-nos uma reflexão radical, considerando as próprias coisas e o mundo vivido, com a educação por meio da aprendizagem verdadeira, humana e significativa da existência, por isso não admite o pensamento ideológico. (REZENDE, 1990).

É um grande desafio para os educadores superar essa visão ideológica de mundo, uma vez que a educação, como instituição do estado, tornou-se também um instrumento ideológico em função da dominação e legitimação da ideologia das classes dominantes, como melhor explana Rezende (1990, p.66):

Neste contexto, paradoxal necessariamente, a educação deixa de ser aprendizagem para ser desaprendizagem da cultura. Deixa de ser aprendizagem, para ser violência simbólica. É principalmente nestes termos que se coloca o problema da escola como instrumento de dominação política, social, econômica e cultural.

Freire (1987) faz veemente denúncia a essa forma de “educar” que impõe ao educando uma concepção já pronta, uma verdade absoluta que anula a capacidade de pensar autenticamente e de criar, difundindo um saber ideológico, que tem como intuito principal apassivar, acomodar o indivíduo ao mundo idealizado e facilitar a dominação. Lembra que, como seres com vocação ontológica em humanizar-se, a humanidade pode, cedo ou tarde, perceber a contradição presente nessa educação que oprime e anula o sujeito, mas adverte que um educador humanista, revolucionário não deve esperar essa possibilidade.

Para combater as diversas formas de massacre cultural o educador precisa, primeiramente, sensibilizar-se. Compreender o sentido da aprendizagem humana e significativa, redescobrir o sentido da existência para não descaracterizá-la pela ideologia. (FREIRE, 1987).

A dominação ideológica cultural, como educação “bancária”, inibe a criação impedindo que o ser humano seja sujeito de suas ações e que essas sejam intencionais. A existência humana se dá no protagonismo e a ausência deste reduz o sujeito a um corpo vazio, corpo objeto, instrumento da repetição ou do desempenho da função a ele estipulada.

A aprendizagem humano-significativa da e pela cultura, como educação libertadora, desenvolve a práxis dialógica em que educador e educando dirigem-se ao mundo e, com ele interagem intencionalmente, humanizando-se e projetando-os à condição de corpo sujeito, corpo ativo, corporeidade.

Disseminar esses pressupostos em todo o meio educacional ajudará despertar essa atitude existencial nos verdadeiros educadores humanistas que, mesmo carregando em seu íntimo essa chama da libertação, podem estar contaminados pelas correntes opressoras reproduzindo inconscientemente a dominação.

Relacionar a argumentação a algo “palpável”, presente na vivência existencial facilita a visualização do discurso. Assim, a Capoeira veio a calhar, para corporificar o dito em palavras, como uma possibilidade visível de concretização da educação cultural humana, não a impondo como um modelo ideal e único para esse fim, mas destacando em sua existência, as afinidades com esse sentido de educação.

3 MÉTODO - VEM JOGAR MAIS EU, VEM JOGAR MAIS EU MANO MEU

As argumentações desenvolvidas nas seções anteriores tiveram como base leituras e a própria vivência capoeirística da presente autora. Para garantir o rigor científico e atender aos requisitos de uma dissertação de mestrado tornou-se imprescindível a pesquisa empírica descrita a seguir.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Caracteriza-se como uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa.

3.1.1 Universo

O universo da pesquisa foi o Centro Cultural de Capoeira Águia Branca fundado em Uberaba – MG, em 1997. Nasceu como uma academia comum de Capoeira e pouco a pouco, em função da demanda local e de sua característica de atuação, foi se institucionalizando. Em 2006 foi registrado como Organização Não Governamental, enfatizando sua postura de luta contra a hegemonia, a discriminação e a dominação.

Em 2010 foi contemplado, pelo Programa Cultura Viva, Pontos de Cultura do Ministério da Cultura, com o projeto: Capoeira para Todos - Gingando Contra a Exclusão, o qual engloba outros quatro projetos: Capoeira com a Escola – uma luta pela Educação; Além dos limites dos olhos – Capoeira para Deficientes Visuais; Além dos limites do Corpo – Capoeira na Terceira Idade; e o Capueco – confecção artesanal de instrumentos.

O CCCAB surge da necessidade de ascensão da Capoeira enquanto “Movimento de Libertação” em Uberaba, uma cidade extremamente conservadora. Tem em seu mentor, Mestre Café, uma figura de personalidade marcante, que valoriza os princípios humanistas. Prega o bom caráter, mas abomina a submissão. Estimula a participação política e a cidadania, com o cumprimento dos deveres, mas também a luta pelos direitos. Preserva a hierarquia, não como uma imposição de poder, mas como valorização ao saber do mais velho, reconhecimento a tudo que lhe foi ensinado e passado de geração em geração. Filho da baiana que trouxe a religiosidade de matriz africana para Uberaba, foi criado em um ambiente de cooperativismo, ajuda e amor ao próximo sem, contudo, deixar de exigir deste, o esforço para a melhoria de vida. Suas aulas são regadas por

esses princípios e pelos fundamentos ancestrais da cultura africana, direcionados tanto à prática da Capoeira quanto para outros momentos da vida.

Enquanto grupo de Capoeira, o CCCAB tem suas raízes na baixada santista que, por sua vez descende de São Paulo, local que, de acordo com Reis (2000) propiciou a amenização das rivalidades entre capoeiristas da Regional e da Angola, pois a necessidade de união para matar a saudade da terra natal, a Bahia, falava mais alto que as diferenças. Por isso, o estilo praticado no CCCAB é mais vinculado à “Capoeira Raiz”, aquela que surgiu da necessidade de libertação, anterior à dicotomia Angola/Regional.

3.1.2 Sujeitos

Foram convidados a participar da pesquisa trinta e dois indivíduos de ambos os sexos, membros do Centro Cultural de Capoeira Águia Branca. Destes, vinte participaram efetivamente. Os outros também se dispuseram a participar, mas não foi possível devido à dificuldades relacionadas a horário e compromissos pessoais.

Os critérios utilizados para seleção dos indivíduos foram:

- Possuir idade igual ou superior a 18 anos;
- Praticar ou ter praticado Capoeira por no mínimo dois anos;
- Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.1.3 Procedimentos

Os sujeitos foram informados de que se tratava de um estudo realizado como exigência para o curso de Mestrado em Educação Física, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e que sua participação seria relevante na execução do mesmo. Foram, ainda, instruídos a discorrer livremente sobre o assunto, sem pressa ou preocupação de qualquer tipo, pois suas respostas não estariam sujeitas a nenhum tipo de julgamento.

O instrumento utilizado para a pesquisa foi uma entrevista estruturada realizada a partir das perguntas geradoras:

- 1 - *O que é a Capoeira para você?*
- 2 - *O que é corpo para você?*
- 3 - *Como você vivencia seu corpo na capoeira?*

Foi feita a primeira pergunta com pausa para que o entrevistado respondesse, deixando que ele falasse à vontade, sem interrupção. Só depois de completada a resposta,

a segunda pergunta foi realizada, prosseguindo da mesma forma até finalizar com a terceira pergunta. A coleta foi realizada individualmente em local, data e horários combinados de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

3.1.4 Tratamento dos dados

Para interpretação dos dados foi utilizada a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado proposta por Moreira, Simões e Porto (2005). Essa técnica busca identificar os valores presentes nas opiniões dos sujeitos em relação a determinado fenômeno, passando por três momentos. No primeiro momento, o “relato ingênuo”, o pesquisador preocupa-se em entender os discursos dos sujeitos, que podem ser obtidos através de questões geradoras a respeito do fenômeno a ser estudado. “É o discurso em sua vertente “pura”, não sofrendo neste momento nenhum tipo de polimento ou modificação”. (MOREIRA; SIMÕES; PORTO; 2005, p.111).

No segundo momento, a “identificação de atitudes”, são extraídas as unidades mais significativas dos discursos, tomando o cuidado para não perder de vista o sentido do todo, criando indicadores que formarão as unidades que vão servir como referencial para a interpretação. O pesquisador, neste momento, deve identificar os “[...] objetos de atitude (pessoas, grupos, ideias, coisas, acontecimentos), os termos avaliativos com significado comum (termos que qualificam os objetos de atitude) e os conectores verbais que ligam no enunciado os objetos de atitude e os termos de qualificação” (MOREIRA; SIMÕES; PORTO; 2005, p.111).

No terceiro e último momento, o pesquisador, após montar o quadro com as ideias dos sujeitos caracterizado pelas unidades de significado, realizará a “interpretação” do fenômeno (MOREIRA; SIMÕES; PORTO; 2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO - TIRA DAQUI E BOTA ALI, IDALINA

4.1 - Primeira Pergunta Geradora: O que é a Capoeira para você?

O objetivo desta pergunta não foi o de solicitar que o sujeito fizesse uma conceituação, buscando definir o que é a Capoeira em geral, historicamente ou tecnicamente.

O intuito da pergunta: “O que é a Capoeira para você?” foi averiguar qual a importância que a vivência capoeirística, tem ou teve, na vida do sujeito. Tomou-se o cuidado de elaborá-la de forma bem genérica para não induzir o sujeito a uma resposta sobre a influência da prática da capoeira, mas que essa importância surgisse naturalmente em seu discurso, caso fosse relevante em sua vida.

4.1.1 Relato Ingênuo

Camará 1 – Tambaqui

“Pra mim a Capoeira é um...quando eu comecei pra mim foi uma coisa nova, um descobrir, o descobrir do meu corpo, o que meu corpo é capaz de fazer, como...porque... antes de vim pra cá eu era muito sedentário, eu não praticava muito esporte assim, e aqui na Capoeira eu descobri o que meu corpo era capaz de fazer e a Capoeira na visão geral assim de antigamente é uma maneira de expressar de seu corpo, cê chega ali e se solta, cê se liberta ali na roda, extravaza, sei lá, é um.. vixi é um bem, porque cê tá movimentando seu corpo, é um descobrir do seu corpo, o que que você como ser humano é capaz de fazer, pra mim é isso aí”.

Camará 2 – Falcão

“A capoeira é um esporte, inicialmente só imaginava a capoeira como esporte, depois de um tempo quando a gente começa a fazer a gente vê tem muito mais coisa englobada na disciplina da capoeira, tais como: respeito, companheirismo, doação, hierarquia, então tudo isso a gente aprende no decorrer da vivência da capoeira. A gente trabalha, é um trabalho em equipe, todo jogo de capoeira que você faz cê sempre tá jogando em duas pessoas, então é um trabalho em equipe, cê tem que trabalhar corretamente para que o resultado seja o melhor possível, ninguém se machuque, seja uma coisa bonita, tem a questão de hierarquia que cê tem um mestre, cê tem professores, cê tem que saber

respeitar isso, ter respeito com os mais velhos, então no geral é um esporte, mas que agrega vários outros valores importantes pra formação do ser humano, da pessoa como profissional, como homem, isso é muito importante, não só como esporte, mas como a cultura, cê conhece bastante a fundo a história do Brasil, outra coisa, outro fator importante que a gente sempre teve dentro da academia que a gente treina foi a questão de vivenciar os valores, saber da onde que veio, o que a gente tá fazendo, o que é a capoeira na essência dela mesma, onde ela foi criada, por quem foi criada, que tem toda uma história, a história da capoeira em toda a parte dela se esconde com a da escravidão do Brasil, resumindo a história do Brasil, então a gente teve que vivenciar isso e entender da onde que veio todos os pontos, onde que surgiu cada coisa, que cada, cada movimento, cada é cada parte disciplinar da capoeira, cada parte de toque, tudo isso tem uma questão histórica também, então a gente teve que vivenciar tudo isso. Então resumindo, capoeira é esporte, cultura e uma grande ferramenta de formação de homens”.

Camará 3 – Ninja

“Capoeira pra mim, é... como que eu vô te explicar... pra mim é tudo, se não fosse ela eu não estaria hoje vivo né? porque eu era morador de rua, eu pela capoeira que eu conheci, ela me tirou da rua, evitou que eu entrasse nas drogas, então ela é uma arte de mostrar para os outros que não precisa ter as drogas como diversão, que tem outras coisas melhores e ela me traz alegria, me traz paz, quando eu estou estressado eu vou pra capoeira e fico mais tranquilo, capoeira é isso pra mim”.

Camará 4 – Morena

“Capoeira pra mim é dança, arte, luta é... qualidade de vida, esporte... é um prazer, jogar capoeira, participar desse esporte que pra mim assim é muito bom, faz bem pro corpo, faz bem pra alma, é, nos interage, nos ensina muitas coisas, nos mostra além do que apenas um esporte em si só, capoeira eu acho que é, vai além de ser só um esporte é algo diferente que te traz coisas boas, ah, pra mim que já convivo há muito tempo, muitos anos ééé, é muito mais, como eu falei, muito mais que um esporte é ter prazer de tá jogando, tá fazendo parte e é isso uma liberdade de expressão”.

Camará 5 – Buldogue

“A Capoeira ela é uma arte brasileira, muitas vezes confundida com uma dança, outras vezes confundida com uma luta, a melhor definição pra capoeira é a arte de lutar sorrindo”.

Camará 6 – Fumaça

“Eu acho que é minha diversão, minha responsabilidade, é a coisa que me faz sair desse mundo, tão, eu acho que acredito muito capitalista, cheio de problemas, acredito que é a felicidade na vida por enquanto, só isso”.

Camará 7 – Mandinga

“No sentido geral cê fala? A capoeira pra mim primeiramente é tudo, agora vo tenta explicar de um modo característico, capoeira pra mim é um esporte, é uma cultura muito especial que vem ganhando espaço no Brasil vamo dizer que daqui a alguns anos pretendo que ela domine o mundo assim como o futebol, como vários outros esportes, capoeira pra mim foi tudo, e hoje em dia é praticamente é o que eu pretendo fazer é vai ser se torna mestre de capoeira e passar pra frente o que eu aprendi, torna outros capoeiristas e mostrar para o Brasil que uma coisa que veio de muitos anos atrás de antes, os negros lá das senzalas com senhorzinhos tal e hoje em dia vamos dizer que é liberado, com algumas, preconceitos mas devagarin acho que a capoeira vai conseguir o espaço onde ela quer chegar”.

Camará 8 – Furacão

“A capoeira é um estilo de vida, ajuda, no meu caso ela me ajudou bastante em questão de, eu perdi minha família muito cedo e ela sempre me apoiou eu sempre senti como uma família mesmo, meus irmãos de roda, meu mestre eeee a capoeira assim é aquela coisa que é como se fosse um sentimento, é um amor, é um sentimento assim mesmo que... que move multidões eee depois que você experimenta quem sente mesmo ela tocar no coração e vira parte de você mesmo, é uma coisa inexplicável”.

Camará 9 – Periquito

“A Capoeira pra mim é o ensino de esporte, educação, disciplina, respeitar o próximo e ajuda muito, tipo assim na minha vida, que da conselho pra gente ter forças pra trabalhar, conquistar, sair fora das drogas, sair fora do mundo perdido, da conselhos bom, a

capoeira na minha vida entrou quando eu tinha dez anos e até hoje vai fazer quinze anos que eu tô na capoeira e daqui pra cá só trouxe coisas boas, eu mudei, eu não vou falar que sou totalmente certo mas não pretendo mudar, ser alguém, aprendendo, vivendo, batalhando e aos poucos tô conquistando graças a capoeira”.

Camará 10 – Cobrinha

“Capoeira pra mim, começou mais ou menos em 94, eu imaginava assim, queria fazer uma arte marcial e não tinha nada em mente, podia ser qualquer arte marcial e por acaso a primeira de teste foi a capoeira, e foi uma paixão assim a primeira vista, desde então não consegui, nem quis mais testar outra arte, nem quis mais testar outra arte desde então. E continuei com a capoeira, tô nela até hoje e não consigo parar então acho que assim capoeira ela tá hoje pra mim num plano, vou dizer em segundo plano, porque penso muito na minha família, segundo lugar vem a capoeira, é um esporte que eu, é um esporte que eu dedico bastante, é sinto bem, quando eu tô frustrado assim em casa parado, vem pra capoeira tudo muda então para mim acho que ela é, tem 50, 60% de importância na minha vida, fora meu trabalho, minha família eu sempre procuro estar na roda de capoeira. Pra mim então resumindo ela é saúde, né? Saúde, graças à capoeira hoje eu conheci muita coisa que jamais eu teria conhecido, se eu não tivesse conhecido a capoeira jamais eu teria conhecido lugares e coisas que ela me levou a conhecer”.

Camará 11- Pequeno

“A capoeira pra mim hoje, a princípio comecei como uma diversão acompanhando meu filho, hoje já, não sei muito bem definir o que vem a ser, mas pra mim seria um divertimento, uma forma de tá liberando o estresse do dia a dia, uma forma de tá acompanhando meu filho no desenvolvimento corporal, emocional, é no desenvolvimento psicológico dele que isso daí eu percebi que ajuda bastante a tem muitas coisas que eu poderia tá falando, que tem ajudado não apenas meu filho mas eu também, no desenvolvimento de percepção, desenvolvimento de flexibilidade, posso dizer também de força pelos exercícios que fazem parte da capoeira, dentre outras coisas”.

Camará 12 – Cobra

“A capoeira pra mim, além de um esporte né? Trabalha muito minha parte física, auxiliou muito na minha vivência, cresci muito através da capoeira, como cidadão, porque aonde eu vivi, onde eu cresci é..., a realidade era bem cruel, entendeu? Não era muito fácil o

meio de sobrevivência então muitos jovens da minha época se entregaram ao crime, também às drogas e eu graças ao esporte que no caso é a capoeira consegui criar uma identidade, pra tá trabalhando com ela hoje, além de praticante hoje eu trabalho com a capoeira e me livreí desses caminhos além de me incluir mais na sociedade, me deu um preparo uma vivência pra eu tá me incluindo na sociedade, hoje saber entrar e sair em qualquer lugar além do preparo físico que eu já disse no começo que não obtive nenhum problema de saúde desde que eu comecei a treinar a capoeira”.

Camará 13 – Kaimã

“A capoeira pra mim é uma forma de expressão corporal, uma luta, é a forma que eu tenho de solta minhas energias, gastar minhas energias é, esvaziar a cabeça, ficar mais calma, mais tranquila, relaxar no meu dia a dia”.

Camará 14 - Voo de Águia

“A capoeira, capoeira é uma herança dos escravos antigos, do negro no geral com a libertação do modo de vida que eles vinham na escravidão, de repente a capoeira foi se tornando assim, hoje é um esporte, mas antes foi tipo assim uma cultura, foi abrangendo uma cultura, foi atraindo, não somente os negros como outras raças né, virou uma cultura, virou um esporte, pra alguns chega até a ser uma religião, que a pessoa se entrega a fundo né, e hoje a capoeira tá no mundo inteiro, a minha opinião é essa sobre a capoeira. É meu estilo de vida”.

Camará 15 - Pato

“Capoeira, capoeira é minha vida véi, eu comecei pequenininho, gosto pra carai de capoeira”.

Camará 16 - Jabá

“Capoeira é uma expressão, liberdade, é um esporte, é um modo pra mim comunicar com as outras pessoas também e eu posso tá tá passando não somente a cultura da capoeira né? Os ensinamentos que o mestre passou pra mim e um modo de viver em.. em grupo também com os meus outros irmãos de capoeira que formam uma família”.

Camará 17 - Camuflada

“Capoeira pra mim...assim o que eu penso da capoeira. A Capoeira não é só um esporte, na verdade eu me aproximei inicialmente da Capoeira em função da prática da atividade física e eu ainda não tinha uma noção de cultura, de como que era ee eu tinha até um preconceito na verdade antes de conhecer a capoeira, porque quando me falou de capoeira eu achava que era marginalizado, então assim, embora eu tivesse uma cabeça aberta, por eu não conhecer eu tinha um preconceito, e quando eu comecei a fazer capoeira eu percebi que era mais que uma atividade física, eu me encantei muito mais, até pelo lado cultural, pela carga histórica que trazia, e abada depois que você se torna capoeirista é como se fosse uma ideologia de vida, então cê muda a visão de homem e de mundo,cê muda alguns preceitos, e até algumas ações cotidianas, então eu não eu não consigo identificar a capoeira só como um esporte, definir enquanto uma atividade esportiva, ela é muito mais ampla que isso e influencia na minha vida a todo momento até na minha escolha profissional inclusive, foi em função da capoeira quando eu comecei a perceber algumas coisas, então no caso a minha profissão foi uma coisa nova eu até ter feito a monografia também relacionada à capoeira, mas é uma ideologia de vida na verdade, então as vezes quando eu me afasto da prática eu não deixo de ser capoeirista, eu continuo capoeirista, as vezes eu não estou tão ativa, mas não tem como na ser, não existe ex capoeirista, não tem como existir, porque depois que cê conhece a capoeira te muda, muda sua visão de mundo, é diferente”.

Camará 18 – Bonequinha

“Capoeira pra mim é um aprendizado, aprendi muitas coisas na capoeira, tudo que eu conheço hoje, tudo o que eu sei éé por causa da capoeira, através da capoeira que eu aprendi, que eu aprendi a falar melhor, aaa, que eu conheci outros lugares, eu aprendi a ter educação, mais na capoeira do que em casa”.

Camará 19 - Guaximi

“Bom, a Capoeira pra mim, eu acho que ela é, é muito mais do que um esporte, a gente sempre tem mania de falar assim, por instinto né que Capoeira é arte é luta, é educação é um jogo, mas eu acho que ela é muito mais do que isso, ela é muito mais que um esporte, ela é muito mais que uma luta, porque além dela desempenhar todos esses papéis, é de arte de luta e de esporte, ela foca mais nessa..., nessa coisa de disciplina que outros

esportes às vezes não tem. Eu na vejo assim, em outros esportes, tipo karatê Muay thai, essa relação que tem aluno e mestre igual tem na Capoeira, essa, é tipo quase que uma dependência que o aluno tem com o mestre, então acho que capoeira é isso, ela é muito mais que um esporte, ela é umaaaa, é quase uma religião, isso mesmo Capoeira”.

Camará 20 – Café

“A Capoeira vem da..., do jargão da época da escravidão como uma mata, né? Que foi cortada, mato ralo rasteiro e que lutou pela liberdade que um tempo ficou proibida e com o passar do tempo vem sendo instrumento de formação a uma sociedade moderna, Capoeiraaa ela tem o poder de transformar qualquer uma pessoa, que possa ser ou inibido, ou extravagante ela coloca a pessoa num eixo central de respeitabilidade, caráter, de amor, companheirismo, é o que tá faltando hoje no mundo pós moderno, então eu sô até suspeito de falar sobre a Capoeira porque eu sou obra dela, né? Comecei a praticar ela com apenas três anos de idade e já me vi como caráter de preservador da arte da capoeira e incentivador da cultura da Capoeira, né? Ficar preso na capoeira como esporte é muito limitado, fica preso como cultura também é muito é limitado, eu vejo a capoeira como um mecanismo de formação social, um mecanismo de formar e informar uma sociedade que ainda sofre, sofre respaldo ainda da da dessa da mídia comprada, da mídia que envolve cada vez oo, tirando... tirando na verdade a essência da criação de um povo unido, de um povo mais democrático, um povo mais humanizado. Então a Capoeira é muito mais além, eu vi na capoeira eu me tornei capoeira porque, porque nela eu me sinto bem, eu me esqueço de todos os meus problemas, ela, ela me formou no aspecto, em vários aspectos, social, então a Capoeira é, o próprio nome se diz, é um mato ralo, um mato que tem que ser descoberto, é um mato cortado é um campo aberto, né? Então a Capoeira é, pra mim a Capoeira é isso aí”.

4.1.2 Indicadores

Quadro 1 Indicadores levantados a partir das respostas da primeira pergunta geradora.

Camaradas	1 – O que é Capoeira para você?
01	Um descobrir, o descobrir do meu corpo, o que meu corpo é capaz de fazer. Uma maneira de expressar de seu corpo, é um descobrir do seu corpo.
02	Um esporte. Agrega vários valores importantes pra formação do ser humano: respeito, companheirismo, doação, hierarquia. Cultura, história do Brasil, saber de onde que veio, o que a gente tá fazendo, o que é a capoeira na essência dela mesmo, onde ela foi criada, por quem foi criada, onde que surgiu cada coisa, cada movimento, cada parte disciplinar da capoeira, cada parte de toque. Uma grande ferramenta de formação de homens.
03	É tudo, se não fosse por ela eu não estaria vivo hoje, afasta as drogas, traz alegria e paz.
04	É dança, é arte, luta, qualidade de vida, esporte, prazer, faz bem ao corpo, à alma, nos interage, nos ensina coisas, é mais que um esporte, vai além, é uma liberdade de expressão.
05	Arte brasileira, a arte de lutar sorrindo.
06	Diversão, responsabilidade, faz sair desse mundo, é a felicidade na minha vida.
07	É tudo. É esporte, é uma cultura especial. Pra mim foi tudo, pretendo me tornar um mestre e passar pra frente o que aprendi.
08	É um estilo de vida, família, é um sentimento, é amor, move multidões, vira parte de você, é inexplicável.
09	Esporte, educação, disciplina, respeito, ensina a viver, conquistar.
10	Estilo de vida, saúde, traz oportunidades.
11	Diversão, desenvolvimento corporal, emocional, de percepção, de flexibilidade, força.
12	Além de um esporte, auxiliou na minha vivência, me formou cidadão, me deu identidade e saúde.
13	Uma forma de expressão corporal, uma luta.
14	Herança histórica, cultura, esporte, religião, estilo de vida.
15	É a minha vida.
16	Expressão, liberdade, esporte, veículo de comunicação, ensinamento, modo de viver em grupo, família.
17	Instrumento/mecanismo de formação social.
18	Aprendizado
19	Mais que esporte, religião.
20	Historicidade, mecanismo de formação e ideologia de vida.

Fonte: a autora.

4.1.3 Unidades de Significado

UNIDADES DE SIGNIFICADO	SUJEITOS																				TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
Ferramenta/ mecanismo de formação/educação		x				x			x			x				x	x	x		x	8	40%
Estilo/ filosofia/ ideologia de vida/ religião/tudo			x				x	x		x				x	x				x	x	8	40%
Esporte/ Saúde/ Qualidade de vida		x		x			x		x	x		x			x						8	40%
Cultura - significação histórica		x					x							x						x	4	20%
Família / Amor			x				x	x								x					4	20%
Descoberta do corpo/Expressão corporal	x										x		x								3	15%
Dança, arte, luta - Arte de lutar sorrindo				x	x								x								3	15%
Prazer, alegria, paz, diversão			x			x					x										3	15%
Liberdade de expressão				x												x					2	10%

Figura 1 Unidades de Significado criadas a partir da 1ª pergunta geradora: O que é a Capoeira para você?
Fonte: a autora.

A figura 1 expõe o resultado final da análise das respostas para a pergunta: “O que é a Capoeira para você?”. As unidades de significado mais encontradas nos discursos dos vinte sujeitos questionados foram as relacionadas com a formação educacional (40%), com uma filosofia de vida (40%) e com o esporte como saúde ou qualidade de vida (40%).

Percebe-se que essas respostas encontram-se interligadas, explicitando similaridade, mesmo que ditas com palavras diferentes, pois ao se falar em mecanismo de formação ou educação os sujeitos estavam tratando de uma educação para a vida, próxima à “educação libertadora” defendida por Freire (1987), não da “educação bancária”, depósito de conteúdos, abominada por este mesmo autor.

Essa concepção converge também com o que descreve Abib (2004) sobre o processo educacional existente na Capoeira Angola, em que se preserva a oralidade e a ancestralidade, assim como na cultura africana. O autor comenta, ainda, que “[...] para os africanos e afrodescendentes o termo ‘educar-se’ tem um sentido mais amplo, refere-se ao como ‘tornar-se pessoa’, o que traduzem como ‘aprender a própria vida’”. (ABIB, 2004, p.126).

Abib (2004) lamenta por a educação formal encontrar-se tão distante dessa compreensão e de outros fatores que caracterizam o processo de aprendizagem presente na cultura popular como a sedução e o encantamento pelo que é ensinado, ocasionado pelo segredo ou sagrado e a livre disposição do tempo de aprendizagem que ocorre de acordo com cada um e não de forma linear ou categorizada.

Interessante observar também que, quando os sujeitos vinculam a Capoeira à esporte o fazem entendendo este como algo muito além da simples modalidade esportiva. Corroborando com a perspectiva de Bento (2006), que define o esporte, ou conforme

denomina: o desporto, como uma das formas mais sublimes de humanizar-nos, de protagonizar nossa existência individual e conjunta, uma forma de vivenciar conjuntamente o natural e o cultural. As respostas evidenciam que aqueles que veem o esporte de forma simplista definem a Capoeira como “mais que esporte”, como pode ser observado nos discursos dos sujeitos Camaradas 10, 12 e 19.

Com 20% de incidência, a unidade que traduz a Capoeira como pertencente à cultura do povo brasileiro e carregada de significação história apareceu no discurso de quatro dos vinte entrevistados. Em igual proporção está a unidade que liga a Arte ao sentido de família e amor, o que, na visão de Raidicchi (2013), demonstra enorme significação da Capoeira na vida dos sujeitos. Para o autor o termo ‘família’ em discursos sobre a Capoeira, indica uma noção de ‘porto seguro’, comunidade e meio social no qual o sujeito pode sentir-se seguro e receber o apoio necessário para o seu desenvolvimento, “[...] gerando certo sentimento de gratidão” (RAIDICCHI, 2013,p.43).

Três dos sujeitos mencionaram que entendem a capoeira como uma expressão corporal ou a descoberta do próprio corpo, no entanto o que chama a atenção e cabe destaque é que o sujeito Camará 1 a concebe estritamente assim, sem defini-la de outras maneiras como os outros sujeitos. Se considerarmos a argumentação de Reis (2000) em que o corpo pode ser entendido para além do natural humano, como uma construção histórica em que os movimentos corporais inscritos pelos corpos capoeiristas são lidos e interpretados como testemunhos históricos, remetendo à uma memória coletiva, podemos associar essa concepção explanada pelo Camará 1 à compreensão da origem da capoeira e à formação da própria identidade a partir do coletivo.

Refletindo sobre questão similar, Abib (2004) explica que o angoleiro⁹ cria seu jogo de acordo com a ampla gama de referências culturais propiciadas pela experiência, pela vivência no dia a dia da Capoeira. Para explicar melhor esse processo apoia-se em Daolio (1995), que delimita o corpo como o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente e, por isso nele, no corpo, são inscritos os valores, normas e regras de uma sociedade específica. O conteúdo cultural é incorporado pelo indivíduo que se apropria deste, assimilando sem necessidade de racionalização ou aprendizagem intelectual, e é exposto em seu conjunto de expressões.

Esses resultados aproximam-se dos pressupostos levantados acima, na segunda seção, a respeito do potencial educativo e formativo encontrado na prática da Capoeira,

⁹ Jogador do estilo de Capoeira Angola.

bem como a influência que seu legado histórico tem na identificação e no protagonismo de seus praticantes.

A unidade “Dança/Arte/Luta/A Arte de lutar sorrindo” que aparece em 15% das respostas, refere-se à conceituações mais extrínsecas, menos relacionadas à subjetividade de cada entrevistado. São tentativas de se conceituar a Capoeira e não sua representação para si. Como a pergunta não foi previamente explicada, justamente para que a resposta surgisse naturalmente, de acordo com o impacto ocasionado pela vivência capoeirística para cada um, respostas assim são perfeitamente compreensíveis. Cabe ressaltar, no entanto, que em nenhum momento essa resposta ocorreu de forma isolada, apesar de tentar definir o que é a Capoeira em geral, todos os entrevistados discursaram sobre o que ela representa para a própria vida.

Entre outras unidades, três dos entrevistados manifestaram ter na Capoeira uma forma de diversão, de alegria, de prazer e busca pela paz. Como traduz o Sujeito Camará 6, “é a coisa que me faz sair desse mundo [...] é a felicidade na vida”. Expressando com palavras diferentes, outros dois entrevistados figuram a Capoeira como “liberdade de expressão” corroborando com a opinião de Tavares (2006, p. 67) em que, “a capoeira apresenta-se como possibilidade para o exercício do lúdico, da expressão humana, o movimentar-se, o prazer, a dança, a música, a brincadeira, a improvisação, o ritmo corpóreo e a festa”.

Reflexão interessante a se fazer é que, apesar de muitas convergências nos discursos, a Capoeira parece ser para cada um, aquilo que lhe falta ou aquilo que lhe completa. Nos discursos pode ser observado que alguns se identificam mais e outros menos, alguns de uma forma outros de maneira diferente, uns pela arte outros pela luta, a Capoeira é para o capoeirista aquilo que ele necessita naquele momento. Reis (2000) argumenta que a Capoeira é repleta de “ambiguidades”, não é uma ‘luta’, pois o confronto não é direto, é embalado pela ginga, movimento que se confunde com uma ‘dança’, mas não é ‘dança’ porque dela, da ginga, surgem os golpes que são executados no tempo certo do jogo, com a precisão de ‘luta’. Há nessa luta jogada dançando uma constante negociação em que a principal estratégia é surpreender, para tanto é necessário ser “mandingueiro”, envolver, seduzir o adversário, e ao mesmo tempo ter a malícia de prever sua movimentação. Nesse território ambíguo prevalece a astúcia e a malandragem e não a força, mas o capoeirista ao agachar-se ao pé do berimbau se benze pedindo proteção, caminhando a Capoeira, entre o sagrado e o profano.

Ao permanecer no universo do subentendido, ironizando como postula Sodré (2002), a Capoeira dá margem para que se tenha mais de um sentido. Essa multiplicidade e complexidade a aproxima do que Bento (2004, p. 62) chamou de “fenômeno polimórfico e polissêmico” para caracterizar o esporte e é o que possibilita uma abrangência de significações.

Gosto da profundidade com que Bento (2004; 2006; 2010) expõe a riqueza de possibilidades que permeiam o universo desportivo e a amplitude infinita que a atuação, como professor nessa área, pode ter, porque se o desporto é a matéria prima na edificação do ser humano, tem, no professor, no autor, no técnico o mestre de obras e a qualidade do edifício depende deste, mais do que de qualquer outra coisa.

Vários autores, ao escrever sobre a Capoeira, revelam, em maior ou menor grau, o significado que esta tem em sua vida. O relato de Mestre Pavão, Eusébio Lôbo da Silva, chama a atenção pela proximidade ao que aqui estamos discutindo:

Muitas pessoas pensam que eu sou apenas um dançarino, ou mesmo um dançarino que joga capoeira. Sempre me senti um capoeirista que joga, luta e dança, como é a própria natureza da capoeira, que ginga na vida. O jogo é lúdico; a luta, a essência do jogo dos opostos; e a dança, o produto da estética da arte da capoeiragem. Capoeirista, pois foi com a capoeira [...] que comecei a ler o mundo. E no gingado fui expandindo meu espaço na roda da vida. Foi por meio da capoeira que aprendi que o mais importante não é ser o melhor, é ser feliz, dentro do possível, durante a trajetórias de nossas atuações na vida; assim como a vida, a natureza da capoeira é cíclica. Isso significa entrar no jogo da capoeira ou da vida, sem a expectativa de ganhar ou perder, pois em ambos os casos o objetivo maior é aprender. Assim, na perda momentânea, em um determinado jogo, há o ganho da experiência, da aprendizagem. (SILVA, 2008, p. 13).

Com isso, findo aqui a discussão acerca do resultado ao primeiro questionamento da presente pesquisa. Atentando para o fato de que o objetivo foi alcançado, pois para além de conceituar ou definir o que é a Capoeira, os discursos desvelaram o que esta simboliza significativamente para cada um dos sujeitos. Esses discursos vieram carregados de valores que transpõem a simples execução de movimentos. Valores que, conforme já presumido na segunda seção, desvelam a presença na Capoeira de uma educação que significa a existência, uma educação para a vida.

4.2 Segunda Pergunta Geradora: O que é corpo para você?

Santin (2011) comenta que não é nada fácil definir o que é corporeidade, não é como conceituar o que é a água, por exemplo, ou qualquer outra forma ou substância. Mas será que se o questionamento for apenas “O que é corpo?” essa resposta simplifica? Será que sabemos falar sobre o nosso próprio corpo? O que implica, quais as influências na elaboração dessa resposta?

Reis (2000) e Sodré (2002) argumentam que a Capoeira é impregnada da visão africana de mundo e que esta não vê o corpo de maneira dicotômica, mas como uma unidade que forma o ser. Será que os capoeiristas alcançam essa compreensão ou são influenciados pela visão ocidental, dicotômica, fragmentada e funcionalista?

Essas são as conjecturas a serem desveladas com o questionamento dessa segunda pergunta geradora: “O que é corpo para você?” aos capoeiristas do CCCAB.

4.2.1 Relato Ingênuo

Camará 1 – Tambaqui

“Corpo?...corpo....a definição de corpo, pra mim meu corpo é uma forma, é um, ai como que eu...que pergunta..o que é um corpo?...bom meu corpo é...corpo é aquilo que vai me levar, me trazer, não tem uma defini/nunca parei pra pensar nisso não..pra te falar a verdade...eu não consigo definir com palavras o que é um corpo não, não tem resposta não...rããã”.

Camará 2 – Falcão

“Corpo é, corpo seria o nosso tempo, né? Corpo é a gente, é o que Deus passa pra gente e a gente tem que cuidar dele da melhor forma, então a gente tem que saber sempre que, a gente tem que saber sempre num... trabalhar da melhor forma o corpo, no sentido de, evitar bebida, fumar, drogas, então isso daí tudo a gente agrega dentro do esporte, né? Que é o, que o foco nosso é a capoeira então ele acaba, então ele acaba trabalhando tudo isso com a gente, que a gente aprende que o corpo é nossa... é nosso tempo, o corpo reflete exatamente o que a gente é, como a gente está, como a gente se sente, então baseado nisso o corpo pra gente é um tempo, então a gente faz o possível pra cuidar da melhor forma possível, evitando drogas de qualquer tipo e trabalhando ele, fazendo exercício físico, trabalhando a parte de elasticidade, a parte de tônus mesmo do corpo,

então acho que o corpo seria a base pra, pra gente tá conquistando as coisas na vida, tudo isso se reflete no corpo... de uma forma geral”.

Camará 3 – Ninja

“Corpo pra mim, pra mim eu não considero nada não, porque hoje a gente tá com ele amanhã a gente pode tá ele num tá, então eu num, run run, eu num tenho uma resposta que que é corpo não”.

Camará 4 – Morena

“Corpo é...ai...é tudo que compõe o ser humano, que tem curvas ou não, que pode ser moldado ou não, eeeee, corpo é algo esplêndido que o ser humano tem, né? que pode servir pra conviver, pra se expressar, pra falar, corpo é uma ferramenta”.

Camará 5 – Buldogue

“Corpo é a matéria que Deus nos deu pra nós cumprirmos nossa missão e que deve estar em perfeitas condições pra todas as dificuldades da vida, tem que estar saudável e nós temos que cuidar muito dele pra poder exercer sua missão, trabalhar, praticar um esporte e realmente viver a vida, tem que estar com o corpo em boas condições”.

Camará 6 – Fumaça

“Corpo, corpo, pra mim corpo é o instrumento da, instrumento da sua vontade, você pode deixar ele do jeito que você quer, éee te capacitando a fazer o que você sonha, corpo pra mim... é o que você deseja, que só depende de você pra ter o corpo que você quer, é isso”.

Camará 7 – Mandinga

Corpo, é o que me sucede, né? É o corpo pra mim...cê que fala na capoeira?no geral. Corpo pra mim é tudo ué..

Camará 8 – Furacão

“Corpo é um instrumento hã... nosso maior bem é a vida e a coisa mais fácil de ser tirada, o corpo seria o instrumento no qual você toca a sua vida, você tem saber respeitar, saber os limites e saber ultrapassar seus limites, você não pode fazer loucuras, mas você sempre pode ver onde você tá, onde você que chegar que se você treina seu corpo você consegue ultrapassar barreiras”.

Camará 9 – Periquito

“Corpo, pra mim...é (pausa) vixi agora deu um branco heim... corpo pra mim é coisa tipo assim, bom meu pensamento, né? num sei se é isso que eu to falano, né? corpo pra mim significa assim que sem o corpo da gente num se move a nada, né? que precisa de exercícios para o corpo se adapta, ah corpo, num tem muita ideia não...”

Camará 10 - Cobrinha

“Corpo, bom, corpo acho que é uma coisa que a gente pensa que tem limites, né? que é limitado a movimentos a coordenações e quando você conhece algo diferente, igual eu conhecia a capoeira, fiz coisas que jamais eu poderia imaginar fazer, então ela tira esse limite que cê tem deeee, posso chegar até ali, meu corpo só consegue fazer isso, então o corpo é uma coisa que a princípio eu achava que tinha limites, né? Tinha que respeitar esses limites e através aí da capoeira consegui ultrapassar limites com meu corpo”.

Camará 11 - Pequeno

“Corpo, o conjunto de membros, músculos ossos que formam o nosso corpo um todo, um todo, poderia até incluir aí também mente, o que vai dentro da capoeira ser trabalhado não apenas o corpo como também a mente, o psicológico de cada um”.

Camará 12 - Cobra

“Um corpo é um organismo geral formado por vísceras, músculos, sistema nervoso, sistema esquelético e que carrega uma energia que a gente chama de espírito que faz parte desse meio num todo. Essa formação desse organismo com essa energia que nós chamamos de espírito pra mim é o corpo”.

Camará 13 - Kaimã

“Corpo? Ué corpo é o que me sustenta, me faz movimentar, isso”.

Camará 14 - Voo de Águia

“Corpo? Não entendi a pergunta, corpo, bom corpo é o complemento, né? Que vem a cabeça e mente, o corpo é é.. como diria, é nosso instrumento, né? A cabeça é o pensante e o corpo é o que a gente como seria a palavra, assim, bom, o corpo assim no intuito da capoeira, teria, é onde que a gente, é o mais trabalhado, né? Pra ter uma forma física, pra ter saúde, pra sair da, como se diz, da mesmice do dia a dia, é um esporte, né? A gente

trabalha o corpo na capoeira, trabalha a mente no geral, por o corpo se completa com a mente, mente são, corpo são”.

Camará 15 - Pato

“Não sei não, corpo, faiô”.

Camará 16 - Jabá

“Corpo, a palavra corpo, é uma estrutura criada por Deus e num tem uma explicação mas eu vejo corpo como... é como uma criação de Deus e usando como outro sentido, assim como corpo na sociedade, pra funcionar cada um tem que fazer a sua parte, cada um é um pedaço, um braço uma perna, cada um tem a sua função”.

Camará 17 - Camuflada

“Corpo eu acho que é nossa morada na verdade, é é o que cê mais tem que cuidar na verdade, assim não sei na verdade eu nunca tinha parado pra pensar verdadeiramente sobre isso, só que que em função assim da nossa espiritualidade acho que é o que te faz você habitar e existir nesse mundo, então eu não sei que como é que eu vou explicar mas, acho que cê tem que cuidar do corpo porque necessita dele, é ele que te faz expressar nesse mundo, que te faz é... viver, na verdade, não sei se eu fui clara assim, porque eu não soube muito explicar...”.

Camará 18 – Bonequinha

“Ah corpo pra mim, que sentido corpo físico? O meu corpo? Meu corpo pra mim é gordo, (risos) é verdade...meu corpo pra mim é gordo, só isso...”

Camará 19 - Guaximi

“Corpo, nossa, o que é corpo...olha eu acho que corpo éé, eu penso que seja aa,a é aquilo que possibilita a gente de, possibilita o movimento da gente, o movimento da gente andar de fazer tudo é o corpo, não só, não só no sentido de músculo mesmo de coisa, mas assim de um todo, acho que corpo é isso, seja mente, corpo um todo, a gente”.

Camará 20 – Mestre Café

“Corpo, corpo é o que dá locomoção pras ações sua, a ação da vida, a ação mais eficaz, porque eu fico imaginando, aquele que não tem um corpo, né? Ele só pensa não age, então o corpo é o principal pruma... de... por fatores da, do ser humano, da necessidade do ser humano pra viver naaa, pra construir, pra executar, corpo eu vejo dessa forma”.

4.2.2 Indicadores

Quadro 2 Indicadores levantados a partir da segunda pergunta geradora.

Camaradas	2 – O que é corpo pra você?
01	É uma forma, é aquilo que vai me levar, me trazer. Não tem uma definição com palavras.
02	Seria tempo, corpo é a gente, é o que Deus passa pra gente e a gente tem que cuidar dele da melhor forma. A gente agrega dentro do esporte e o foco nosso é a capoeira, a gente aprende que o corpo é nosso tempo, o corpo reflete exatamente o que a gente é, como a gente está, como a gente se sente. É a base para conquistar as coisas na vida.
03	Nada, porque hoje se está com ele amanhã pode não estar. Não tenho resposta pra corpo.
04	Tudo que compõe o ser humano, algo esplêndido, para conviver, expressar...Corpo é uma ferramenta.
05	Matéria que Deus nos deu. Cuidado.
06	Instrumento da vontade. Pode ser o quiser e como quiser. Moldado.
07	É o que me sucede, é tudo.
08	Nosso maior bem é a vida e a coisa mais fácil de ser tirada. O corpo seria o um instrumento no qual se toca a vida. Tem limites que devem ser respeitados e ultrapassados com treinamento.
09	Sem o corpo a gente não se move a nada.
10	A princípio uma coisa com limites e que com o conhecimento da capoeira, percebe-se que esses podem ser superados.
11	Conjunto de membros, músculos, ossos que formam nosso corpo todo, um todo, incluindo a mente.
12	Organismo que carrega uma energia chamada de espírito formando um todo. A formação de organismo e espírito é o corpo.
13	É o que me sustenta, me faz movimentar.
14	Complemento da cabeça e mente, instrumento. A cabeça é o pensante. Corpo se completa com a mente. Mente são, corpo são.
15	Não sei
16	Estrutura criada por Deus.
17	Faz você habitar, existir nesse mundo, necessita de cuidado, te faz expressar, te faz viver.
18	Corpo gordo.
19	É o que possibilita o movimento, não só no sentido de músculo, um todo, a gente.
20	É o que dá locomoção pras ações, a ação da vida, necessidade do ser humano pra viver, construir, executar...

Fonte: a autora.

4.2.3 Unidades de Significado

UNIDADES DE SIGNIFICADO \ SUJEITOS																					TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
Tudo/Todo				x			x			x	x								x		5	25%
Movimento/Locomoção/Sustentação	x							x				x						x	x		5	25%
Ferramenta/Instrumento				x		x	x						x								4	20%
Matéria/Forma	x				x													x			3	15%
O Ser/O que somos, estamos, sentimos.		x					x												x		3	15%
Base da vida								x										x		x	3	15%
Necessita de Cuidado		x			x													x			3	15%
Criação de Deus		x															x				2	10%
Expressão/Convivência				x						x											2	10%
Nada/Não sei			x												x						2	10%

Figura 2 Respostas da segunda pergunta geradora (O que é corpo para você?) em Unidades de Significado. Fonte: a autora.

Os resultados explícitos na figura 2 demonstram que os sujeitos questionados, os camaradas capoeiristas do CCCAB, realmente tem uma concepção de corpo diferenciada daquela influenciada pela visão ocidental, dicotômica e fragmentada, pois unidades ligadas à corporeidade como “Tudo/Todo”, “Movimento/Locomoção/Sustentação”, “O Ser, o que somos, estamos, sentimos”, “Expressão/Convivência” apareceram em maior proporção que as relacionadas a corpo objeto como “Ferramenta Instrumento” ou “Matéria Forma”.

A maior convergência, com 25% de incidência, foi para a unidade “Tudo/Todo” que traduz o corpo como uma unidade, “tudo que compõe o ser humano” (Camará 4), “é o que me sucede, é tudo” (Camará 7), “conjunto de membros, músculos, ossos que formam o nosso corpo todo, um todo incluindo a mente” (Camará 11), “a formação organismo e espírito é o corpo” (Camará 12) e “um todo, a gente” (Camará 19).

Com o mesmo percentual segue a unidade “Movimento/Locomoção/Sustentação” que tem no corpo a possibilidade de ação no mundo, “é aquilo que vai me levar, me trazer” (Camará 01), “sem o corpo a gente não se move” (Camará 9), “é o que me sustenta, me faz movimentar” (Camará 13), “é o que possibilita o movimento” (Camará 19) e “é o que da locomoção pras ações” (Camará 20).

Já as duas próximas unidades estão carregadas do sentido materialista, mecanicista e utilitarista de corpo objeto, salientando que não aparecem isoladas, isto é, não são a única maneira com a qual o sujeito define o corpo, mas acabam aparecendo como um estigma, uma sombra, uma marca impregnada que o sujeito manifesta também mecanicamente, como algo que de tanto ouvir, acaba reproduzindo. Isso é perceptível em discursos como o do Camarada 04: “Tudo que compõe o ser humano, algo esplêndido, pra conviver, expressar” e aí o fantasma aparece: “Corpo é uma ferramenta”. E assim a

unidade “Ferramenta/Instrumento” aparece em 20% dos discursos. Seguida pela que define o corpo como “Matéria/Forma” com 15%.

As outras duas próximas unidades se aproximam do sentido fenomenológico e existencial. Aparecendo em 15% dos discursos está a unidade “O Ser, o que somos, estamos e sentimos” e com o mesmo percentual a que exprime o corpo como “Base da vida”. Também em 15% dos discursos, percebe-se a preocupação explanando que o corpo “Necessita de cuidado” . A crença de que o corpo seja uma “Criação de Deus” aparece em 10% dos discursos, da mesma forma que a unidade que o reflete como “Expressão/Convivência”.

Dois dos entrevistados não souberam ou tiveram palavras para exprimir o que entendiam por ser o próprio corpo.

Início, pois, a discussão pontuando que apesar de aparecerem duas unidades relacionadas a corpo objeto, uma com viés teológico e outra sem conceituações, fica mais evidente nos discursos a noção de corpo sujeito, corpo próprio, corpo vivido, que se movimenta, se expressa, que é, que está e sente. Como na perspectiva de Merleau-Ponty (1999) em que o corpo é o veículo do ser no mundo. No corpo é expressa toda a originalidade existencial do ser, e esta coincide com a realidade corpórea: “Eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 207 – 208).

O entendimento de corpo vai muito além do concreto, do que é visível ou mensurável, mas é aí que se inicia a reflexão sobre corporeidade, no corpo visto, no corpo presente. E assim surgem conceituações palpáveis como a do Camará 11: “conjunto de membros, músculos, ossos que formam o nosso corpo todo, um todo incluindo a mente”, que tenta, a partir da exposição das partes, explanar a totalidade. Quanto a essa relação corpo e mente Nóbrega enfatiza que “a mente não é uma entidade “des-situada”, desencarnada ou um computador, também a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo [...] a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo”. (NÓBREGA, 2005b, p.607).

Como “espaço tanto biológico quanto simbólico, o corpo é o traço mais significativo da presença humana” (NÓBREGA, 2005, p.611), por isso, também não é simplesmente como define o Camará 12: “a formação organismo e espírito é o corpo”. O corpo, como representatividade do ser, como materialização viva da existência que transforma e é transformado pela experiência, tradutor dos símbolos da linguagem e dos códigos da história e da cultura, está além da cisão espírito e matéria ou corpo e alma.

Refletir sobre esta questão faz lembrar mais uma vez Merleau-Ponty:

A carne não é matéria no sentido de corpúsculos de ser que se adicionariam ou se continuariam para formar os seres. O visível (as coisas com o meu corpo) também não é não sei que material psíquico que seria, só Deus sabe como, levado ao ser por coisas que existem como fato e agem sobre meu corpo de fato. De modo geral, ele não é nem soma de fatos materiais ou espirituais [...] A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo elemento, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 135 - 136).

Aí entra a motricidade, “[...] o corpo está no mundo, não como coisa, objeto ou ideia, mas como presença viva, em movimento” (NÓBREGA, 2005, p. 64). E nesse ponto os discursos dos sujeitos foram bastante convergentes com os referenciais adotados. Os sujeitos Camaradas 01, 09, 13 e 19 dizem respectivamente: “é aquilo que vai me levar, me trazer”, “sem o corpo a gente não se move”, “é o que me sustenta, me faz movimentar”, “é o que possibilita o movimento”, todos relacionando o corpo à vida dinâmica, mas o que mais chama a atenção é o discurso do sujeito Camará 20: “é o que da locomoção pras ações, a ação da vida, necessidade do ser humano pra viver, construir, executar” que traz um indício mais forte da intencionalidade desse movimento. Nóbrega (2005) revela que Merleau-Ponty (1999) anuncia que o movimento é a expressão da intenção, com sentido de totalidade, exprimindo, em suma, a inteligibilidade do corpo, apreendida pela percepção que é simultânea à ação. Essa atitude, percepção/ação é o que se designa motricidade: “A motricidade é a esfera primária em que em primeiro lugar se engendra o sentido de todas as significações no domínio do espaço representado”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 197).

Gosto também, das palavras de Simões e Piccolo:

A motricidade integra, no tempo, no espaço, no movimento, a vida concreta, a vida em abundância, não sendo limitada por acontecimentos do passado nem por projeções do futuro (características visíveis no sentido de desenvolvimento, onde há início, meio e um fim projetado). Na motricidade a vida é, com todas as tatuagens adquiridas de ontem, presentes hoje e com todas as perspectivas e os sonhos do amanhã; mas é!

A permanente superação, vivida e buscada por todo ser em movimento, em qualquer valor de juízo que se possa ter, depende da motricidade, pois ela engloba ações, aspirações, intencionalidades, percepções, qualidades e características essas que compõem a motricidade.

A motricidade revela o corpo-sujeito, dialeticamente objetivo e subjetivo, hominal e humano, realizando história e cultura e sendo modificado por sua história e cultura. (SIMÕES, PICCOLO, 2012, p. 22 - 23).

E destaco esse trecho da explanação das autoras “A motricidade é a expressão do corpo e corpo sou eu, sujeito prático e carente, dependente do movimento para garantir a

vida” (SIMÕES; PICCOLO, 2012, p.23) por fundamentar discursos como os do sujeito Camará 17: “é o que faz viver” caracterizando a unidade “Base da vida”, ou do sujeito Camará 4: “algo esplêndido, pra conviver, expressar” que deu origem a unidade “Expressão/Convivência” ou ainda como discursam respectivamente os Camaradas 7 e 19: “ é o que me sucede, é tudo”, “ a gente” e mais intensamente o sujeito Camará 2: “Seria tempo, corpo é a gente, [...] o corpo é nosso tempo, o corpo reflete exatamente o que a gente é, como a gente está, como a gente se sente. É a base para conquistar as coisas na vida”, discursos que originaram a unidade “O Ser, o que somos, estamos e sentimos”. Nesse último discurso mencionado, chama a atenção o aparecimento da relação com o tempo que, segundo Nóbrega (s/d), também é referência na constituição do ser com toda sua subjetividade, diz a autora:

A temporalidade dá acesso à subjetividade. A temporalidade possui uma linha transversal que forma uma rede de intencionalidades, haja vista que o tempo supõe uma visão sobre o tempo. O tempo é a maneira como o ser humano temporaliza o seu próprio ser e, por extensão, o ser dos outros. O tempo é a forma como projetamos nossas experiências, nossa relação com os outros. Nesse movimento, o sujeito e o mundo vão projetando sentidos. (NÓBREGA, s/d, p. 3)

Esse discurso foi bastante amplo dando origem a mais duas outras unidades, a que manifesta que o corpo é uma “Criação de Deus” e a que determina que ele “Necessita de cuidado”, pois, se observado na íntegra, no *Relato Ingênuo* ou mesmo no Quadro 2 onde estão os *Indicadores*, será percebido que nas reticências entre colchetes foi dito o seguinte: “é o que Deus passa pra gente e a gente tem que cuidar dele da melhor forma”, trecho suprimido para não tirar o foco da análise anterior, mas que agora merece atenção.

Sampaio (2006) avisa sobre os perigos de se balizar na perspectiva teológica para os tratos com o corpo, sobretudo o corpo ativo. Na simples consideração de que o corpo seja uma criação divina, distante do natural humano, pode estar implícito um misto de crenças que causam uma série de confusões. O corpo como criação divina é passível de sacrifício. É vítima dos desígnios de “Deus”. Submisso aos mistérios do sagrado, seu sofrimento é oculto por pertencer a um “discurso intocável”. É símbolo de pecado, portanto, necessita ser purificado e sacramentado. Não se pode correr o risco, contudo, de que, ao libertar-se da subordinação divina o ser humano seja reduzido à máquina, conforme reflete Rouanet (2003) a respeito do posicionamento de La Mettrie:

O homem não poderia ser livre se estivesse sujeito a uma vontade que lhe fosse exterior. Na concepção religiosa tradicional, o homem era filho de Deus, sujeito à heteronomia da lei divina. Se é uma máquina, uma máquina auto-regulável, um relógio que dá corda a si mesmo, não necessita nem de maquinista nem de relojoeiro. Com isso o homem passa a ser dono do próprio destino. Do mesmo modo como não precisa de Deus, o homem não precisa de

uma alma espiritual. [...] De modo geral, pode-se dizer que para La Mittrie a concepção de um homem-máquina, sem Deus e sem alma, não se destina a degradar o homem, e sim a exaltá-lo. (ROUANET, 2003, p. 41 – 42).

Sampaio (2006, p. 86) invoca a abolição de tudo que massacra e deprime o corpo, seja em nome da ordem celeste ou do progresso do mercado tecnológico, clama pela eminência de um corpo ativo e criativo. Para isso, sugere a necessidade de “[...] retomar as representações simbólicas de resistência cunhadas pela transgressão de corpos em movimento por toda a história”. A autora se refere à maneira encontrada por aqueles que durante todos os tempos são subjugados, excluídos e explorados, porém, alheios a tudo que os diminui, movimentam seus corpos com alegria, afirmando sua esperança como uma forma de resistência ativa e criativa.

Fazendo-me lembrar da Capoeira, Sampaio (2006, p.86 - 87) diz: “A simbólica do jogo de corpo, da dança luta da vida, construída na contra ordem e no limite das marginalidades [...] transfiguram-se em mecanismos de afirmação de um corpo ativo”. E finaliza alertando: “A sabedoria do sagrado precisa ser para nós sensibilidade e cuidado com o corpo, o próprio e o do outro”.

Almejo que sob essa perspectiva que os sujeitos Camaradas tenham se referido a corpo como criação divina que necessita de cuidado.

As unidades “Matéria/forma” e “Ferramenta/Instrumento” não merecem tanta atenção, pois, conforme já dito, parecem ter surgido de forma automática como repetição ao discurso que está impregnado no imaginário da atual sociedade capitalista que banaliza, instrumentaliza e mercantiliza o corpo. Não é algo que faça parte da atitude existencial dos sujeitos, porém, eliminar de vez essa “figura de linguagem”, não deixa de ser uma dificuldade a ser superada.

4.3 Terceira Pergunta Geradora: Como você vivencia seu corpo na capoeira?

Bento (2006b, p. 181) anuncia:

No desporto – quer seja praticado em terra, na água, no ar, no espaço, ao sol, ao vento, à chuva, ao frio no gelo, quer ele represente rendimento ou recreação, espetáculo ou formação, saúde ou condição, ato ou imaginação – o corpo é colorido, vivo, intenso e quente.

E na Capoeira, esta modalidade desportiva que também é arte, é dança, é teatro, é música, como é vivenciado o corpo? Que ligações os sujeitos fazem da concepção de seus corpos com os modos com que com ele interagem na Capoeira?

É esse o questionamento no qual se baliza essa última pergunta geradora.

4.3.1 Relato Ingênuo

Camará 1 - Tambaqui

“Bom igual eu falei na primeira resposta, é o descobrir do corpo ali, é descobrir os movimentos que seu corpo é capaz de fazer, coisas que cê num imagina que é capaz de fazer, cê vai ali e batalhando...cê vê o que seu corpo é, os movimentos que seu corpo é capaz de fazer, isso aí é o que eu vejo na capoeira, no, a a movimentação cê descobre o que seu corpo é capaz de fazer, eu entrei já velho então foi uma descoberta do que que meu corpo era capaz de fazer pra mim.. a movimentação da capoeira.. o corpo na capoeira é isso”.

Camará 2 - Falcão

“É como eu havia falado. Inicialmente eu entrei na capoeira pelo esporte, pra ta fazendo uma atividade física e na atividade física dá bastante mobilidade, elasticidade, rapidez, raciocínio, como é um jogo muito rápido, dinâmico que envolve duas pessoas e sempre cada uma de uma forma imprevisível, a gente tem tá sempre, tem que ter dinamismo pra ta respondendo as ações que vem... tendo a... a questão da ação e reação, então a gente tem uma ação e tem que ter uma reação muito rápida e é coisa de milésimo de segundos, então como é um esporte muito dinâmico a gente tem que tá sempre trabalhando o raciocínio rápido, a movimentação, ter elasticidade, ter força, resistência, então seria isso, capoeira consegue agrega todos esses fatores pra gente dentro de um esporte só e também tem a questão que de molejo que a gente consegue, que para alguns a capoeira é uma dança e para outros, pra quem vivencia além de dança é um esporte também, é uma arte marcial”.

Camará 3 – Ninja

“Como que eu vivencio o corpo na capoeira? Um instrumento de trabalho, um instrumento de arte, é isso”.

Camará 4 – Morena

“É uma junção maravilhosa, rarara, faz bem, ajuda, exercita, traz enrijecimento, ajuda a gente a ter mais disposição, é praticamente uma junção perfeita do movimento, com as

curvas, com o jeito, o toque, a dança, então junta tudo, a luta, o esporte, as curvas, as veias, tudo mais que o corpo tem, acho que é uma junção perfeita”.

Camará 5 – Buldogue

“Meu corpo na capoeira é tudo, tem que estar preparado pra tudo, pro ataque, pra defesa, pra ginga, é pra defender, pra esquivar, pra ele tem que estar bem cuidado, exercitado, treinado, constantemente, pra poder realmente praticar uma boa capoeira, uma boa ginga, uns bons movimentos de esquiiva, de ataque, de dança, etc...”

Camará 6 – Fumaça

“A de tudo que é maneira, meu corpo eu tenho graças a capoeira, o corpo ideal que eu tenho aqui, é graças a capoeira, eu comecei desde pequeninim e eu moldei meu corpo do jeito que eu quero, por isso que eu acho que o corpo é a extensão das suas vontades, que me capacita a fazer, aa tudo que eu quero, qualquer movimento que eu desejo, que se eu não conseguir de cara eu posso treinar que o meu corpo ta capacitado a fazer”.

Camará 7 – Mandinga

“A é é uma coisa, é uma sensação muito boa, que ao mesmo tempo cê mexendo vários músculos do seu corpo, eee ela como academia, eu acho que ela é melhor que academia porque ela, ela... seu corpo trinca, seus músculos cresce, duma forma que, tipo, dum dia pro outro, assim que cê começa cê na hora que cê vê, cê pode tá com o corpo pesado, isso, pode tá gordim ou magrim, que você de alguma ele muda pra melhor .. é uma coisa que todo mundo na rua pergunta: A que cê tá fazeno seu corpo mudou, isso e aquilo cê cresce... não é a Capoeira, é o que cê aprende ali dentro da capoeira, exercícios, os treinos, é fundamental a capoeira pro corpo”.

Camará 8 – Furacão

“Bom eu trabalho doze horas e meia por dia, eu.., antes de por o pé dentro da academia meu corpo tá esgotado, no momento que eu ponho o pé na academia que eu começo a sentir aquele axé, aquela energia meu corpo se liberta, eu sinto como totalmente renovado, e quando eu saio também eu tô melhor que quando eu entrei e é uma coisa assim que eu venho treinar capoeira cansado pra sair daqui bem”.

Camará 9 – Periquito

“Deixando a música entrar no coração, entrar é..., deixar a alma livre para que o corpo balance, o corpo faz as coisas bonitas para a plateia para o mundo e para mim mesmo, que eu posso fazer muita coisa além que meu corpo pode fazer, tipo assim, tem o meu limite, mas eu posso ir muito mais do meu limite, praticando e treinando na capoeira”.

Camará 10 - Cobrinha

“Eu vivencio meu corpo na capoeira da seguinte maneira é, quando eu to parado muito tempo ele parece que sente falta de alguma coisa né, sente necessidade de exercitar de movimentar e quando eu venho pra capoeira, pratico outros esportes também, não to só ligado na capoeira, jogo futebol, faço musculação, porém na capoeira, o meu corpo na capoeira é o meu corpo na capoeira, que eu poderia dizer é que em apenas um aú que eu faço ou num jogo aí que não dura 30, 40 segundos, às vezes eu consigo ver que meu corpo trabalhou mais que um jogo de futebol com 30, 40 minutos ou num treino inteiro de musculação de uma hora e dez uma hora e vinte, num jogo apenas um jogo de capoeira de 30 40 segundos eu sinto que meu corpo trabalhou mais que nessas duas atividades”.

Camará 11 - Pequeno

“De uma forma interessante, eu tenho aprendido com a capoeira a vivenciar meu corpo de forma diferente, explorando a potencialidade, que a que eu desconhecia, como um pouco mais de flexibilidade coisa que eu não utilizava, um pouco mais de ginga, eu nunca fui de dançar, nunca tive muita flexibilidade assim agilidade, tenho desenvolvido isso”.

Camará 12 - Cobra

“Bom meu corpo na capoeira a partir do momento que eu entro da porta pra dentro eu já me transformo e muita gente discute nesse meio que a gente acaba dizendo que a capoeira tem uma magia sim de você sentir, de você saber que ali você vivencia coisas que você não vivenciaria em outro lugar, além da liberdade que ela me flui, quando eu entro na roda me sinto livre, me sinto transformado, quando eu tô cantando eu consigo viajar nos meus pensamentos através daquela cantiga que eu tô expressando, passando aquela energia e aquele axé para os outros capoeiristas, quando eu vejo um jogo bem jogado sinto um arrepio no corpo também, consigo sentir algo diferenciado que eu não consigo sentir em outros momentos da minha vida em outros lugares, apenas dentro da capoeira e

a parte social que eu já disse também o trabalho me ajudou muito na interação com outras pessoas comunicação então trabalha no geral assim entendeu”.

Camará 13 - Kaimã

“Como que eu vivencio meu corpo na capoeira? É o meu jeito de expressar minha capoeira, meus movimentos são através do meu corpo que eu faço o jeito de fazer meus movimentos, meus golpes, meu treinamento. A capoeira me ajuda a manter meu corpo, a minha mente aberta e com ele, com o meu corpo eu consigo aperfeiçoar os movimentos da capoeira na capoeira”.

Camará 14 - Voo de Águia

“A o corpo na capoeira é a parte mais importante, é o que é mais exigido, é através dos exercícios, daa a gente exige muito do corpo, é lógico que tem um resultado muito positivo, né? Mas é bem exigido é bem trabalhado, serve como atividade física completa é a capoeira, ela, tanto na parte aeróbica, como parte técnica, desenvolve musculação, desenvolve elasticidade, e a parte de mente também né, na hora da gente fazer o canto fazer as músicas ali ce tá desenvolvendo, ce tá resgatando uma cultura, ce tá cantando uma música de 50 a 70 anos atrás”.

Camará 15 - Pato

“Como que eu vivencio meu corpo na capoeira, vixi muleke, não sei não...”.

Camará 16 - Jabá

“A meu corpo na capoeira é como um instrumento, uma parte mesmo da da capoeira que é um, bom meu corpo na capoeira é, é a minha pessoa, eu sou o que sou na capoeira, então eu passo aquilo que eu sou, feliz, humilde, então é, é uma ferramenta que eu posso usar ali na capoeira, então é... a capoeira em si, já é, ela, pra ser a capoeira, ela tem que ter uma junção de pessoas, então num é um corpo só são vários corpos pra tá funcionando a capoeira, então a se você tá bem cê joga bem, se tá mal é melhor nem jogar, e a capoeira só traz alegria pro corpo então eu acho que é isso, é a alegria que faz funcionar essa máquina, como eu falei criada por deus”.

Camará 17 - Camuflada

“Na verdade eu me descobro, na verdade eu tenho algumas potencialidades do meu corpo na capoeira, alguns limites até também que eu vou saber até onde eu posso chegar em alguns pontos ou não, mas é uma descoberta de expressão, uma descoberta de força, de resistência, mas é de expressão também cultural, até da forma de me expressar enquanto ser humano então acho que a capoeira traz isso também”.

Camará 18 – Bonequinha

“Ó na capoeira eu acho meu corpo muito leve, eu me sinto bem, é totalmente diferente, nem parece que eu tenho, assim, que eu to acima do peso, é totalmente diferente, quando eu escuto o berimbau tocar na capoeira assim, muda tudo, não tem idade, não tem peso, não tem altura, não tem nada, o corpo, jogar capoeira o corpo é leve, é solto, o berimbau, o toque do berimbau entra dentro parece que cê tá flutuando”.

Camará 19 - Guaximi

“Olha acho que o meu corpo é que possibilita a gente fazer, fazer tudo na Capoeira, desde a hora que você entra na roda, você tem aquela, o cuidado com seu corpo, pra você saber o que cê pode fazer, o que cê tem que fazer, eu particularmente como to assim um tempo sem treinar, eu to sentindo falta, eu to sentindo os limites do meu corpo agora então eu sinto meu corpo como se fosse a extensão da minha mente aqui, só que como eu to sem treinar, a minha mente tá andando devagar e meu corpo não tá respondendo, é isso”.

Camará 20 – Mestre Café

“Aaaa a a capoeira é a coisa mais esplêndida de vivenciar o corpo, né? Você saber ua... você saber a hora certa de ir de vir, deee explorar cada potencial do seu corpo desde a flexibilidade, da agilidade, da da do movimento, é cada músculo, que a capoeira ela exige de você a a fortalecer aquele músculo pra executar desde a mais fácil acrobacia a mais difícil, do movimento em si, do golpe, do contragolpe ou até mesmo da resistência da força estática, né? Que a capoeira precisa de vez em quando é você ficar estático e receber aquela carga do movimento, então o corpo é o, eu acho que é o... é o fator primordial pra se expressar, acho que a expressão sai daí, sai do corpo e as vezes a voz não fala mas o corpo ele diz ele, ele solta cheiro, ele tem uma, uma postura, uma sobrecarga uma energia que ele consegue transmitir dentro do jogo da capoeira ou até

mesmo fora, fora da roda de capoeira, num trabalho, a o corpo é essencial pra uma pessoa ganhar valores é... e sentir esses valores”.

4.3.2 Indicadores

Quadro 3 Indicadores levantados a partir da terceira pergunta geradora.

Camaradas	3 – Como você vivencia seu corpo na capoeira?
01	É o descobrir do corpo ali, é descobrir os movimentos que seu corpo é capaz de fazer, o corpo na capoeira é isso.
02	Na atividade física dá bastante mobilidade, elasticidade, rapidez, raciocínio, força, resistência, a capoeira consegue agregar todos esses fatores dentro de um esporte só.
03	Um instrumento de trabalho, de arte.
04	Uma junção maravilhosa, faz bem, exercita, traz enrijecimento, disposição, junção perfeita do movimento com as curvas, o corpo.
05	Meu corpo na capoeira é tudo, o corpo tem que estar perfeito.
06	De todas as maneiras. Meu corpo eu tenho graças à capoeira, o corpo extensão das vontades, me capacita a fazer o que quero, o movimento que eu desejo é só treinar.
07	Sensação muito boa, sempre muda o corpo pra melhor, é fundamental a capoeira para o corpo.
08	Um axé que traz libertação, renovação, elimina o cansaço.
09	Movido pela música, com a alma livre o corpo balança, faz coisas bonitas para a plateia, para o mundo e para mim mesmo. Faço coisas além do que meu corpo pode fazer. Supero limites.
10	Exercício, movimento, o corpo na capoeira é trabalhado intensamente.
11	Aprendo com a Capoeira a vivenciar meu corpo de forma diferente, explorando a potencialidade que não conhecia flexibilidade, agilidade.
12	Transformação, magia, vivenciar coisas que não podem ser vivenciadas em outros lugares. Liberdade, expressão, energia, axé.
13	Meu jeito de expressar minha capoeira, meus movimentos são através do meu corpo que faço. A capoeira ajuda a manter meu corpo e minha mente aberta e com ele, com meu corpo eu consigo aperfeiçoar os movimentos.
14	O corpo na capoeira é a parte mais importante, atividade física completa e resgatando a cultura, revivendo pela música 50, 70 anos atrás.
15	Não sei
16	Um instrumento, uma parte, é minha pessoa, eu sou o que sou na capoeira, é uma ferramenta, a capoeira traz alegria pro corpo, é a alegria que faz funcionar essa máquina criada por Deus.
17	Eu me descubro, tenho potencialidades, limites. É uma descoberta de expressão, física e cultural, forma de expressar enquanto ser humano.
18	Jogar capoeira o corpo é leve, é solto, o berimbau, o toque do berimbau entra dentro parece que cê tá flutuando.
19	É o que possibilita fazer tudo na capoeira. Na roda requer cuidado.
20	A capoeira é a coisa mais esplêndida de vivenciar o corpo, explorar seus potenciais. O corpo é fator primordial pra se expressar. Às vezes a voz não fala mas o corpo diz, solta cheiro, tem uma postura, uma sobrecarga uma energia que ele consegue transmitir no jogo da capoeira ou fora dela. O corpo é essencial para ganhar valores, sentir valores.

Fonte: a autora.

4.3.3 Unidades

UNIDADES DE SIGNIFICADO	SUJEITOS																				TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
Como transcendência						x	x	x	x			x						x			6	30%
Como potencialidade física		x		x						x	x			x						x	6	30%
Como descoberta/ autoconhecimento	x										x						x				3	15%
Como forma de expressão												x	x							x	3	15%
Como força de libertação/superação						x		x				x									3	15%
Tudo/ essencial					x									x					x		3	15%
Como resgate da cultura														x				x			2	10%
Como instrumento			x													x					2	10%

Figura 3 Respostas da terceira pergunta geradora: Como você vivencia seu corpo na capoeira?.

Fonte: a autora

As duas unidades que mais apareceram, sendo cada uma, extraída dos discursos de seis dos sujeitos Camaradas, configurando 30% foram as que retratam a ideia de vivência do corpo na Capoeira “Como Transcendência” e “Como potencialidade física”. Três dos sujeitos Camaradas (15%) vivenciam seu corpo “Como forma de expressão” e igualmente estão as unidades que representam a vivência corporal na capoeira “Como força de libertação/superação” e “Tudo/ essencial”. Extraída de 10% dos discursos, a unidade que demonstra essa vivência “Como resgate da cultura” foi percebida na fala de dois dos sujeitos e na mesma proporção a que determina que o corpo na Capoeira é tido “Como instrumento/ferramenta” da ação. (Figura 3).

Difícil foi a tarefa de sintetizar em poucas palavras (as unidades de significado), discursos tão diversos. A subjetividade encontrou presença em cada uma das explanações o tornou árdua a missão de encontrar termos que simbolizassem, de uma vez, vários discursos. Daí a escolha do vocábulo “Transcendência”, no sentido mais radical da palavra. Do latim: “ascender” ou “ir além” e na fenomenologia aquilo que transcende a própria consciência. Conforme Merleau-Ponty (1999, p.234):

Chamaremos de transcendência este movimento pelo qual a existência, por sua conta, retoma e transforma uma situação de fato. Justamente por ser transcendência, a existência nunca ultrapassa nada definitivamente, pois então a tensão que a define desapareceria. Ela nunca abandona a si mesma. Aquilo que ela é nunca lhe permanece exterior e acidental, já que ela o retoma em si.

Um discurso que chama a atenção nesse sentido é o do sujeito Camará 9: “Deixando a música entrar no coração, entrar é..., deixar a alma livre para que o corpo balance, o corpo faz as coisas bonitas para a plateia para o mundo e para mim mesmo, que eu posso fazer muita coisa além do que meu corpo pode fazer, tipo assim, tem o meu limite, mas eu posso ir muito mais do meu limite”.

Merece ainda ser lembrado, o que disse o Sujeito Camará 12: “Bom, meu corpo na capoeira a partir do momento que eu entro da porta pra dentro eu já me transformo [...] a capoeira tem uma magia sim de você sentir, de você saber que ali você vivencia coisas que você não vivenciaria em outro lugar, além da liberdade que ela me flui, quando eu entro na roda me sinto livre, me sinto transformado, quando eu to cantando eu consigo viajar nos meus pensamentos através daquela cantiga que eu to expressando, passando aquela energia e aquele axé para os outros capoeiristas, quando eu vejo um jogo bem jogado sinto um arrepio no corpo também, consigo sentir algo diferenciado que eu não consigo sentir em outros momentos da minha vida em outros lugares, apenas dentro da capoeira” que além de estar relacionado com o que já foi dito, também remete ao que diz Merleau-Ponty (1999, p.262 – 263) sobre a linguagem:

O sentido da palavra não está contido na palavra enquanto som. Mas é a definição do corpo humano apropriar-se, em uma série indefinida de atos descontínuos, de núcleos significativos que ultrapassam e transfiguram seus poderes naturais. Esse ato de transcendência encontra-se primeiramente na aquisição de um comportamento, depois na comunicação muda do gesto: é pela mesma potência que o corpo se abre a uma conduta nova e faz com que testemunhos exteriores a compreendam. Aqui e ali, um sistema de poderes definidos repentinamente se descentra, rompe-se e reorganiza-se sob uma lei desconhecida pelo sujeito ou pelo testemunho exterior, e que se revela a eles nesse momento mesmo.

Impressionante é atentar para a divergência nas respostas do Sujeito Camará 18 que na segunda pergunta geradora (O que é corpo para você?), respondeu simplesmente “meu corpo pra mim é gordo, só isso” já na terceira pergunta (Como você vivencia seu corpo na capoeira?) respondeu: “Ó na capoeira eu acho meu corpo muito leve [...] o corpo é leve, é solto, [...] parece que cê tá flutuando”. Como pode um corpo gordo parecer leve? Claro que se mensurada a massa corpórea será a mesma, o que ocorre é que ao responder a pergunta “O que é corpo pra você?”, o sujeito pensou no corpo como matéria, parte física, já ao falar sobre como vivencia o corpo na Capoeira foi além dessa concepção, retratou a sensação de seu corpo na Capoeira.

Isso faz recordar novamente o desporto no dizer de Bento (2010): “O desporto é certamente um excesso do corpo, sem que o espírito seja despromovido. É o corpo que é promovido, que escapa à coisificação, transcende a realidade carnal e atinge a dimensão espiritual e humana.” (BENTO, 2010, p55).

Quando os discursos foram no sentido de aumento ou melhora nas capacidades físicas indicaram a que os sujeitos vivenciam seus corpos na Capoeira “Como Potencialidade física”. Não significa que seja exclusivamente assim, apenas três dos sujeitos (Camaradas 2, 4 e 10) exaltaram apenas o potencial físico do corpo na Capoeira,

os outros três (Camaradas, 11, 14 e 20) apesar de evidenciar o aumento das capacidades, trouxeram também outras indicações. O que se evidencia aqui é que esses sujeitos buscam na Capoeira uma forma de se manter ativos, em contramão à tendência a “afisicidade” dos tempos modernos, são incomodados pelo risco de um corpo inábil, atrofiado, por isso procuram modificá-lo, esculpi-lo, dar-lhe potencialidade, haja vista que: “o desporto e todas as formas de exercício fazem parte e são expressões da preocupação sem fim de fazer o corpo, de o criar, adaptar, transformar e melhorar” (BENTO, 2006b, p. 162). E justificando também a próxima unidade em que se vivencia o corpo na Capoeira “Como descoberta/autoconhecimento”, “participam na aventura da descoberta dos segredos do corpo, da penetração na escuridão de suas profundezas” (BENTO, 2006b, p. 162).

O corpo “Como forma de expressão” é realçado na fala “O corpo é fator primordial pra se expressar. Às vezes, a voz não fala, mas o corpo diz, solta cheiro, tem uma postura, uma sobrecarga uma energia que ele consegue transmitir no jogo da capoeira ou fora dela” (Sujeito Camará 20). Destacando ainda, que essa atitude ultrapassa os limites da roda de Capoeira e se mantém também “fora dela”. Reis (2000) retrata essa “dialética corporal” e a forma que o capoeirista tem de transferir essa postura de atitude para os enfrentamentos também na vida social:

Vemos que o enfrentamento indireto na capoeira, proporcionado pela ginga, expressa, através de uma linguagem corporal, estruturas de representações presentes na sociedade mais ampla, relativas à condição do negro: seu lugar social e as estratégias de ação que estão ao seu alcance. (REIS, 2000, p. 179).

O sentido de corpo “Como libertação/superação” ou “Tudo/essencial” poderia ter sido marcado em quase todos os discursos, pois apesar de não se utilizar exatamente esses termos a essência deles está sempre presente, porém merece destaque dizeres como: “eu começo a sentir aquele axé, aquela energia meu corpo se liberta, eu sinto como totalmente renovado” (Sujeito Camará 8) ou “é o que possibilita fazer tudo na capoeira” (Sujeito Camará 19).

Tudo isso desemboca na verdade, como diz o sujeito Camará 14 “ce tá desenvolvendo, ce tá resgatando uma cultura”, no resgate cultural e aí vale lembrar mais uma vez Bento (2006b, p. 163):

No desporto e em qualquer outro exercício realiza-se um confronto com a natureza corporal, travado de muitas maneiras, por motivos variados e com múltiplas consequências. Celebra-se neles a memória de um corpo em fuga, esperando conservá-lo entre nós e realizar o milagre de sua reaparição. Cultivamos nele o corpo a mais, tentando obviar o corpo a menos que se ausenta da nossa vida.

Esse seria um brilhante desfecho para a análise dessa terceira e última pergunta geradora, mas, mais uma vez ressurge o ‘fantasma’ da instrumentalização utilizando o corpo “Como instrumento” para o desenvolvimento da Capoeira. Porém não chega a ser da maneira com que ironiza Tavares (2006, p.143): “[...] alguns concebem seus corpos tal qual uma máquina, que merece atenção ou diríamos manutenção”.

A instrumentalização do corpo na Capoeira é como demonstra o sujeito Camará 3: “um instrumento de arte”. Analisando melhor, é realmente o veículo, o meio de se ser na Capoeira, de se viver a Capoeira. E essa vivência é alegre como expressa o sujeito Camará 16, que até menciona a palavra máquina, não pensando no objeto, mas metaforicamente “A meu corpo na capoeira é como um instrumento, [...] é a minha pessoa, eu sou o que sou na capoeira, então eu passo aquilo que eu sou, feliz, humilde, então é, é uma ferramenta que eu posso usar ali na capoeira [...] e a capoeira só traz alegria pro corpo. Então eu acho que é isso, é a alegria que faz funcionar essa máquina” (Sujeito Camará 16).

4.4 A Capoeira, o corpo e o corpo na Capoeira

A síntese dos três questionamentos é a base para o fechamento da reflexão proposta neste estudo. Mesmo que pareça redundância, a complexidade do tema abordado não dá margem para uma análise linear, sendo necessário esse movimento de ir e vir, avançar e retornar ao ponto de partida quantas vezes forem necessárias para que se atinja a compreensão.

Com a primeira pergunta geradora (O que é a Capoeira para você?) buscou-se compreender a significância da Capoeira para o sujeito que a pratica, ou seja, o capoeirista, e o que isso influi ou influiu na sua formação educacional, não a escolar, mas a não formal, a que educa para a existência. Os discursos revelaram que a Capoeira é permeada de valores que são relevantes em diversos aspectos na vida dos sujeitos, sendo que os mais citados foram os relacionados à formação e à forma em que vivem.

Assim como foi necessário explicitar que a educação a qual se refere este trabalho, vai além da educação escolar tratando-se de uma educação para a existência, necessário é também esclarecer a amplitude dessa existência. Não basta estar vivo para existir. A existência plena implica em autonomia e consciência nas ações. Implica em intencionalidade, na superação do automatismo e da alienação. Existir, ser, é mover-se constantemente em busca da transcendência. É saber sentir, compreender o sentido e

projetar. Tudo isso só é possível corporalmente. A existência plena está vinculada a um corpo, senhor de suas ações. Um corpo ativo, não por uma atividade mecânica, mas uma atividade criativa presente na atitude intencional.

Daí a relevância de se entender como esses sujeitos, que possuem sua formação existencial influenciada pela prática da Capoeira, percebem o próprio corpo. Questionamento que ocorreu por meio da segunda pergunta geradora (O que é corpo para você?) e que identificou estreita ligação entre a concepção de corpo explicitada pelos sujeitos e os pressupostos vinculados à corporeidade.

A terceira e última pergunta geradora, (Como você vivencia seu corpo na Capoeira?) veio com o intuito de ampliar os dados para análise, permitindo a seguinte reflexão: Se a Capoeira auxilia na educação para a existência, e estando esta intimamente ligada à corporeidade, é interessante saber como os seres capoeiristas vivenciam seus corpos na capoeira. E cada um à sua maneira demonstrou que, assim como na vida, o corpo é fator essencial na prática da Capoeira. Ele age, expressa, supera, liberta e transcende.

O corpo na Capoeira é”!

Sendo na capoeira aprende a ser na vida. E em ambas (vida e capoeira) balança:

*O capoeira
É como a onda do mar
O balanço traz mandiga
Tudo pode se esperar
O mar balança
Trazendo coisas do fundo
E o capoeira balança
Pra fazer se respeitar
Eu sempre digo
O bom capoeira não se faz
Quem é bom já nasce feito
E ninguém pode negar
Os movimentos
Lentamente vem surgindo
E o capoeira sorrindo
Faz coisas de admirar
O balança, balança
Pra jogar a capoeira tu precisa balançar
(Mestre Liminha¹⁰)*

¹⁰ Antônio Carlos de Lima – Mestre Liminha (1964 – 2005) – Fundador da Associação de Capoeira Arte Popular em Genebra na Suíça. Exímio capoeirista.

5 ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passamos a vida a tentar descobrir o sentido da existência e das coisas olhando pelas janelas, poucas ou muitas, estreitas ou largas do nosso distinto lugar. É a partir do sítio em que moramos, dos seus acasos, circunstâncias e particularidades, que vemos para dentro e para fora de nós. Porém nessa peregrinação somos constantemente recambiados para o ponto de partida. Tudo radica na nossa infância. (BENTO, 2010, p. 17)

Iniciei a presente dissertação trazendo à tona a experiência de minha formação, primeiro a pessoal, depois a profissional até a chegada ao mestrado, em que as perspectivas se ampliaram com a percepção de que ambas caminham juntas, o que ocasionou o surgimento de novas aflições. Deparei-me com o paradoxo de viver intensamente tudo aquilo que se configurava uma possibilidade para o que buscava investigar e isso significar um risco de comprometimento ao rigor da investigação. Mas resolvi arriscar. Mergulhei fundo e nessa imersão me senti como que na Pororoca, o encontro das águas doce e salgada, sabedoria popular e conhecimento científico, Capoeira e corporeidade. Fui navegando entre uma e outra, ancorada pela fenomenologia existencial e agora é preciso desembarcar no porto da Educação Física/Esporte.

Quando escolhi cursar Educação Física tinha como objetivo apenas conhecer o corpo humano e seu “funcionamento”. Com os olhos fechados para a Corporeidade não vislumbrava mais que compreender os processos estruturais, cognitivos e motores do desenvolvimento humano. Deslumbrei-me com Gallahue, Piaget, Le Boulch e suas fragmentações padronizadas do desenvolvimento. Quando tentei contextualizar tais teorias com a cultura, a realidades socioeconômica e familiar dos sujeitos de minhas pesquisas fui criticada sob a alegação de que esse tipo de tema é objeto de pesquisa apenas das ciências humanas, sociologia ou antropologia.

Hoje compreendo que essa linha de estudo é atrelada às ciências biológicas em que se valoriza exacerbadamente a razão, menosprezando a realidade corpórea, a sensibilidade, a percepção e a motricidade ou tudo que seja mais que massa física ou matéria. Neste caso, em Educação Física “privilegia-se o inteligível em detrimento do sensível e do motor, privilegia-se o motor em detrimento do sensível e do inteligível (como a própria história da Educação Física), ou privilegia-se o sensível em detrimento dos outros dois” (SIMÕES; PICCOLO, 2012, p. 21) construindo sempre um conhecimento fragmentado.

Torna-se cada vez mais emergente que façamos, enquanto docentes, atuantes na formação de futuros professores/profissionais, uma análise crítica que (re)pense as premissas que adotamos ao atuar. Esse exercício é o que possibilitará uma práxis que supere os dogmas anteriores para que a área dê conta da missão de estudar o ser humano em toda sua complexidade. Aquele que, mais que um organismo que necessita de “abastecimento e manutenções”, é um ser complexo, indivisível, cultural e relacional que se movimenta intencionalmente em direção ao mundo, interagindo com ele e com os outros ao seu redor.

Salientar que a Educação Física enquanto área de conhecimento científico “[...] forma profissionais para a ação relacionada com os corpos humanos, devendo, por essa razão, balizar o entendimento que tem sobre o corpo que se movimenta para a superação” é presença obrigatória em nosso pensar (MOREIRA, 2012b, p.31).

Nóbrega (2005b) já alertava:

Precisamos desenhar novos mapas para compreender a geografia do corpo, com sua espacialidade diferenciada, possível porque se move e, ao fazê-lo, ao mover-se, coloca em cena diferentes possibilidades de abordagem, diferentes lugares, com diferentes perspectivas espaciais e temporais: do biológico ao pós-biológico, da reversibilidade da cultura como carne do mundo à carne como aspecto simbólico e transcendente do humano; dos sentidos que a historicidade cria em narrativas temporais distintas; dos encontros e desencontros que constituem a nossa existência. (NÓBREGA, 2005b, p.612).

Assimilar essas premissas leva à compreensão do sentido de Corporeidade e estudá-la direciona as “[...] preocupações às instâncias reflexivas que envolvem uma vida corpórea com qualidade, bem como a valores integrativos, no sentido de cultivar o senso intuitivo, o poder de síntese, as ações não lineares e a visão sistêmica” (SIMÕES; PICCOLO, 2012, p. 22).

Em trabalhos mais recentes Moreira (2012b, p. 37) continua defendendo a Corporeidade como fio condutor para a Educação Física e acrescenta às discussões anteriores a argumentação de que a “principal função da Educação Física no mundo do trabalho é pedagógica”. Onde quer que atue o profissional desta área estará ensinando e fará isso com mais qualidade se a atitude da corporeidade estiver presente. E mais:

Advogar corporeidade é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante em que, em sua complexidade estrutural, o ser humano passa a ser considerado, a um só tempo, totalmente antropológico, psicológico e biológico. O corpo do homem não é um simples corpo, mas corporeidade humana, só compreensível através de sua integração na estrutura social. (MOREIRA, 2012b, p.38).

A corporeidade atribui significado à própria existência através da cultura. A relação corpo-educação acontece na aprendizagem da cultura. É o que dá o sentido aos acontecimentos, buscando na história a gênese destes, demonstrando a importância das ações humanas e possibilitando a projeção. A estrutura do fenômeno humano abrange, a um só tempo, os planos pessoal, político, cultural e histórico, não sendo possível ser reduzida a nenhuma dessas dimensões isoladas, portanto, todas elas devem ser consideradas ao se estudar o processo educacional da corporeidade. (MOREIRA, 2012b).

O presente estudo se originou do alcance a esse entendimento. Propôs-se a refletir sobre as possibilidades educativas que permeiam o universo capoeirístico. Buscou no Ser Capoeirista (através dos discursos dos sujeitos camaradas do CCCAB), a dialética entre a pedagogia não escolar, encontrada na Capoeira, e a urgência de uma pedagogia escolar que eduque para a existência. Que compreenda o homem como corporeidade humana, autor e ator da sua história e cultura.

A pluralidade de sentidos encontrada nos discursos sobre o que a Capoeira representa para esses sujeitos reforça a compreensão de que somos seres inacabados, corpos que se movimentam em busca de elementos que os complementem e signifiquem a existência para transcender. O ser humano é um ente único que se movimenta em busca da transcendência, explorando não só as capacidades físicas, mas também a inventividade, a afetividade e a inteligência. A Capoeira é um campo aberto para a criatividade, para a participação ativa, tão importante no sentido de existência, para o exercício do humano, a transcendência individual e coletiva.

Moreira *et al* (2006, p. 153) lançam o desafio de relacionar corporeidade e educação adotando como pressuposto a fenomenologia existencial e a complexidade. Ao concluir as reflexões, pontuam Merleau-Ponty para lembrar que “[...] cada passo dado torna outros passos possíveis”, que dando aquele primeiro passo colocam em movimento a utopia de aumentar o número de caminhantes nessa trilha ampliando a consistência teórica sobre a corporeidade.

Pois bem, entro na trilha caminhando lenta e atentamente, pois aprendi na Capoeira que “quem anda por terra alheia pisa no chão devagar”. Mas com esse passo, gingado e malandreado, que se avança a partir deste estudo, deixo como prognóstico ao que já havia sido identificado, ou seja, à necessidade de uma formação mais humana e humanizante, a sugestão de se estreitar os vínculos entre a universidade e o conhecimento popular. Para que o mundo ideal estudado pelos discentes esteja mais relacionado ao

‘mundo vivido’ das pessoas que usufruirão de sua intervenção, e, para que os valores e sabores da cultura possam fazer parte do meio acadêmico.

Com esse preceito explanado, abro caminho a novos caminhantes nesta trilha, pois, por hora, este é o meu ponto de chegada. Preciso parar para recuperar o fôlego, “vadiar nos matos capoeira”¹¹ e nesse axé renovar minhas forças para uma nova caminhada. Despeço-me com o desejo, impossível de ser realizado, de que os leitores ouvissem a cantiga abaixo e sentissem a energia que dela emana.

*Vou dizer que lembrei nessa hora das lutas e glórias do meu orixá
Quando eu vi essa gente guerreira tocando pro santo para ele saudar
Me bateu um axé diferente fazendo a corrente se fortificar
E sabendo que a força do negro é o grau e o segredo pra se libertar
Porque hoje esse povo na rua traz sua cultura para ti se pasmar
E entender que o mundo só gira porque esse axé cresce cada vez mais
Não existe melhor nem pior, nem poeira nem pó homens ou animais
Só existe a raça humana e no Águia Branca todos são iguais, e eu
Sou Águia Branca eu sou Capoeira...
Sou Águia Branca eu vim jogar
Sou Águia Branca eu sou Capoeira
Peço axé a Olorum que me abençoe a vida inteira
Sou Águia Branca eu sou Capoeira
Agradeço a seu Café por me ensinar a Capoeira....
(Meus manos: Máscara e Cobra¹²)*

¹¹ Vadiar é um termo utilizado no meio capoeirístico para o jogo da capoeira. Vadiar na Capoeira é jogar capoeira. A palavra capoeira vem do o tupi Caá – puêra e significa mato ralo ou rasteiro. (REIS 2000).

¹² Máscara – Vandrê Nogueira Cassiano e Cobra – Vinícius Nogueira Cassiano, meus irmãos na capoeira e no sangue. Escreveram essa música inspirados pelo desfile de congada que tradicionalmente acontece em Uberaba na data da abolição da escravidão, 13 de maio.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J.; **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda.** Campinas – SP: UNICAMP, 2004. Tese de doutorado, 175p.

AREIAS, A. das.; **O que é Capoeira,** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BENTO, J. O.; **Desporto: Discurso e Substância.** Porto: Campo das letras, 2004.

_____; **Pedagogia do Desporto: Definições, Conceitos e Orientações** in TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R. D. S.; **Pedagogia do Desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006a.

_____; **Corpo e Desporto: Reflexões em torno desta relação** in MOREIRA, W.W.(Org.); **Século XXI: A era do corpo ativo.** Campinas, SP: Papyrus, 2006b.

_____; **Da Coragem, do Orgulho e da Paixão de Ser Professor: Auto-retrato.** Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2010.

BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. **Homo Sportivus – O Humano no Homem –** Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012.

BOURDIEU, P.; **A Distinção, crítica social do julgamento,** Tradução: Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira; São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **Coisas Ditas;** Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMPOS, H.; **Capoeira na Universidade - uma trajetória de resistência histórica** Salvador: Editora Universidade Federal da Bahia, 2000.

CAMPOS, L. A. S.; **Didática da Educação Física - 1. Ed. – Várzea Paulista, SP:** Fontoura, 2011.

CARDOSO, M. A.; SIQUEIRA, M. L.; **Zumbi dos Palmares,** Belo Horizonte, MG: Maza Edições, 1995.

CASSIANO, N.N.; **A Arte de Crescer Gingando: Os Benefícios que a Capoeira pode Trazer no Desenvolvimento Global**, Uberaba – MG: Universidade de Uberaba, 2005.

DAOLIO, J.; **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

ENNES, F.C.M – Mestre Bocão; **Capoeira: herança educativa de um povo**; Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, Caxambu - MG, 2001.

ENNES, F.C.M – Mestre Bocão; **Capoeira: movimento de inclusão social**; Brasil, UNESO, PUC, Belo Horizonte: Editora Gráfica Silveira, 2006.

FALCÃO, J. L. C.; **O jogo da Capoeira em Jogo: a construção da práxis capoeirana**; Tese de Doutorado; FAGED/UFBA, 2004.

FREIRE, P.; **Pedagogia do oprimido** 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____; **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Décio. **Palmares**. A guerra dos escravos. Porto Alegre: Movimento, 1973.

GALLO, S.; **Corpo Ativo e a Filosofia**, in MOREIRA, W. W.(Org.); **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006.

GONÇALVES JUNIOR, L.; **Dialogando sobre a Capoeira: Possibilidades de Intervenção a partir da Motricidade Humana**. Motriz, Rio Claro: v.15 n.3 p.700-707, jul./set. 2009.

GONÇALVES, M.A.S.; **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

INFORSATO, E. C.; **A educação entre o controle e a libertação do corpo** in MOREIRA, W.W.(Org.); **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006.

LE BRETON, D.; **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**; tradução Marina Appenzeller; Campinas: Papirus, 2003.

MEDINA, J.P.; **A educação física cuida do corpo... e “mente”**; Campinas: Papirus, 1995.

MENEZES, L. B.; **Capoeira Benefícios Psicofisiológicos**. Niterói: Muzenza Livros, 2007.

MERLEAU-PONTY, M.; **O visível e o invisível**. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____; **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, W. W. *et al.*; **Corporeidade aprendente**: a complexidade do aprender a viver. *in*: MOREIRA, W. W.(Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MOREIRA, W.W.(Org.); **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____; **Educação Física e Esportes** Perspectivas para o Século XXI, Campinas: Papirus, 2011.

MOREIRA, W. W.; Formação profissional na área da educação física: O fenômeno corporeidade como eixo balizador *in* PACHECO NETO, M.; **Educação Física, Corporeidade e Saúde**, Dourados: UFGD, 2012.

_____; Formação profissional em Ciências do Esporte: Homo Sportivus e Humanismo *in* BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. **Homo Sportivus – O Humano no Homem – Belo Horizonte**: Instituto Casa da Educação Física, 2012.

NÓBREGA, T. P.; **Corporeidade e Educação Física**: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. 2. Ed. Natal: Editora da UFRN, 2005a.

_____; Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**, Campinas: v. 26, n. 91, maio-ago, 2005b, p. 599-615.

_____; **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

_____ ; Merleau-Ponty: movimentos do corpo e do pensamento; **Revista Vivência**; n. 36, 2011 p. 1 27-136.

_____ ; **Merleau-Ponty: O Filósofo, O Corpo E O Mundo De Toda A Gente!**Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf>, acesso em 06/01/2014 às 15:39.

NOVAES, A. (Org.); **Homem máquina: a ciência manipula o corpo**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PALMARES, F, C; **Oficina de Capoeira: A escola em movimento**, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Saúde, Salvador: 2002.

RADICCHI, M. R.; **Capoeira e Escola: Significados da Participação**, Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

REGIS DE MORAIS, J, F.; **Consciência Corporal e Dimensionamento do Futuro** *in* MOREIRA, W.W.(Org.); Educação Física e Esportes Perspectivas para o Século XXI, Campinas, SP: Papyrus, 2011.

REIS, L.V.S.; **O mundo de pernas pro ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

REZENDE, A. M.; **Concepção Fenomenológica da Educação**, São Paulo: Cortez, 1990.

ROUANET, S. P.; O Homem-Máquina Hoje, *in* NOVAES, A. (Org.); **Homem Máquina: A Ciência Manipula o Corpo**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAMPAIO, T. M. V.; Corpo Ativo e Religião, *in* MOREIRA, W.W.(Org.); **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

SANTIN, S.; Perspectivas na visão da corporeidade *in* MOREIRA, W.W.; **Educação Física e Esporte – Perspectivas para o Século XXI**, Campinas, SP: Papyrus, 2011.

SILVA, E. L.; **O corpo na Capoeira**. Campinas: UNICAMP, 2008.

SIMÕES, R.; PICCOLO, V. L. N.; Corporeidade e Motricidade Humana na Educação Física: Uma Possibilidade de Transcendência para a Área, *in* PACHECO NETO, M.; **Educação Física, Corporeidade e Saúde**, Dourados: UFGD, 2012.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R. D. S.; **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TAVARES, L. C. V.; **O Corpo que ginga, joga e luta: a corporeidade na capoeira**, Salvador: Edição do autor, 2006.

VALLE, I. R.; **A obra do sociólogo Bourdieu: uma irradiação incontestável** - Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.1, p. 117-134, jan./abr. 2007.

VIEIRA, L. R. **O Jogo da Capoeira: corpo e cultura popular**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.